

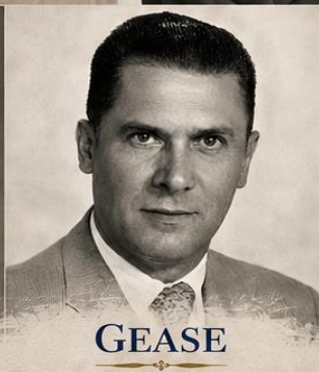
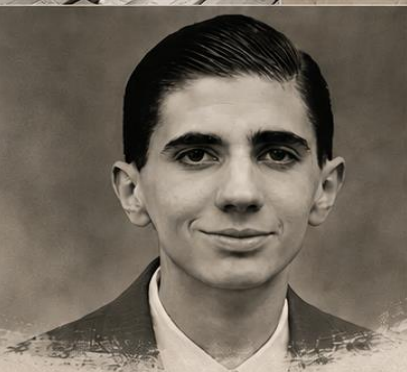


J. Ozildo

(ORGANIZAÇÃO E NOTAS)

AUTORRETRATOS:

*Escritores brasileiros
diante de si mesmos*



GEASE

2026

J. Ozildo
(Organização e notas)

AUTORRETRATOS:
Escritores brasileiros diante
de si mesmos

Gease ≈ 2026

Copyright © 2026 por José Ozildo dos Santos.

Todos os direitos reservados.

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)

José Ozildo dos Santos (organização e notas).

Autorretratos: Escritores brasileiros diante de si mesmos/

José Ozildo dos Santos. 1. ed. Campina Grande-PB - 2026.

118 p. : il.

ISBN.: 978-65-02-15323-9

“Cada livro é, num sentido profundo, uma carta particular aos amigos do escritor. Somente eles apreendem a significação inteira, descobrem a notícia íntima, as afirmações de amor, as expressões de gratidão espalhadas por ele em cada livro. O público é apenas o generoso patrocinador, que se incumbe das despesas postais”.

Robert Louis Stevenson [1850-1894],
romancista, poeta e contista escocês.

Sumário

Apresentação.....	9
Graciliano Ramos visto por Graciliano Ramos.....	23
José Lins do Rego visto por José Lins do Rego.....	27
Leda Maria vista por Leda Maria.....	31
Eloy Pontes visto por Eloy Pontes.....	35
Jorge de Lima visto por Jorge de Lima.....	39
José Maria Belo visto por José Maria Belo.....	45
Oswald de Andrade visto por Oswald de Andrade.....	51
Carlos Drummond de Andrade visto por Carlos Drummond de Andrade.....	55
Galeão Coutinho visto por Galeão Coutinho..	61
Marques Rebelo visto por Marques Rebelo....	67

Dias da Costa visto por Dias da Costa.....	71
Sérgio Milliete visto por Sérgio Milliete.....	77
Flávio de Campos visto por Flávio de Campos.....	81
Aurélio Buarque visto por Aurélio Buarque...	87
Joel Silveira visto por Joel Silveira.....	91
Peregrino Júnior visto por Peregrino Júnior....	95
Lia Correia Dutra por Lia Correia Dutra.....	101
Joracy Camargo visto por Joracy Camargo.....	109
Luiz Martins visto por Luiz Martins.....	113

Apresentação

José Ozildo dos Santos

No livro '*Autorretratos: Escritores brasileiros diante de si mesmos*', reúno textos originalmente publicados na revista *Leitura* entre os anos de 1942 a 1944. Esta obra oferece ao leitor um conjunto raro de depoimentos autobiográficos, escritos pelos próprios autores, em uma época marcada por profundas transformações políticas, culturais e intelectuais no Brasil. Mais do que simples exercícios de memória ou vaidade literária, esses autorretratos revelam personalidades complexas, inquietações íntimas, convicções ideológicas, traços psicológicos e experiências humanas que ajudam a compreender melhor os escritores, que marcaram a cultura brasileira do século XX.

Cada texto presente nesta coletânea funciona como uma espécie de espelho literário. Nele, os autores não apenas falam de suas obras, mas também confessam fragilidades, frustrações, sonhos, medos, contradições e posicionamentos diante da vida e da sociedade. Em muitos casos, o tom predominante é o da ironia. Em outros, o da melancolia ou da autocritica severa. Há ainda aqueles que transformam o autorretrato em verdadeiro manifesto intelectual. Esta

diversidade de vozes faz do presente livro uma obra de grande valor humano e documental.

Entre os personagens centrais desta coletânea encontra-se Oswald de Andrade, um dos nomes do Modernismo brasileiro. Seu autorretrato apresenta um homem consciente de sua importância intelectual, mas igualmente marcado por inquietações pessoais e políticas. Oswald se define como sentimental, inquieto e *'agrário'*, ao mesmo tempo em que relembra suas experiências como fazendeiro, viajante e agitador cultural. O escritor revisita a *'Semana de Arte Moderna de 1922'*, destaca sua atuação nos movimentos *'Pau-Brasil'* e *'Antropofágico'* e reafirma seu compromisso político com as ideias de esquerda após 1930. Em seu autorretrato, Oswald de Andrade deixa transparecer o espírito irreverente, provocador e revolucionário que marcou sua trajetória literária e cultural na primeira metade do século XX.

Outro personagem de grande destaque é Carlos Drummond de Andrade, cujo texto talvez seja um dos mais originais desta coletânea. Drummond cria um autorretrato profundamente irônico, como se estivesse sendo analisado por um crítico severo. Ao comentar a própria poesia, ironiza o escândalo provocado pelo famoso poema *"No meio do caminho"*, brinca com a incompreensão da crítica e constrói a imagem de um homem tímido, reservado e introspectivo. Ao mesmo tempo, o poeta revela o contraste entre o funcionário público disciplinado e o escritor moderno acusado de hermetismo e excentricidade. Em Drummond, convivem o

humor refinado, a inteligência crítica e uma discreta melancolia.

O autorretrato de Graciliano Ramos revela um homem profundamente desencantado consigo mesmo e com a própria trajetória intelectual. Ao rememorar sua vida, o escritor enfatiza a precariedade de sua formação, o sentimento de deslocamento e a ausência de ilusões quanto ao reconhecimento literário. Sua narrativa é marcada por uma sinceridade áspera, quase brutal, na qual o autor rejeita qualquer engrandecimento pessoal. Ao afirmar que sua cultura foi *“obtida em almanaques”*, Graciliano constrói a imagem de um escritor autodidata, moldado pela experiência dura da vida e pela observação crítica da realidade.

Galeão Coutinho surge como outro importante personagem deste painel literário. Seu texto combina memória pessoal, reflexão sobre o jornalismo e observações acerca da condição humana. Nascido em Minas Gerais, ele relembra a infância em Pádua, no interior fluminense, espaço que considera decisivo para sua formação intelectual. O escritor enfatiza o papel do jornalismo em sua vida, atividade que lhe proporcionou contato direto com a realidade social, política e humana. Ao mesmo tempo, Galeão Coutinho demonstra certo desencanto diante da sociedade e das convenções sociais, revelando um espírito crítico e observador.

No autorretrato de José Lins do Rego, percebe-se um tom memorialista e afetivo, marcado pela serenidade com que encara a própria existência. Diferentemente de outros escritores que enfatizam sofrimentos ou dramas pessoais, ele

descreve sua vida como “*um regato sem quedas d’água*”, destacando uma trajetória relativamente estável, embora atravessada pela perda precoce da mãe. O texto evidencia um homem ligado às origens rurais e à infância nordestina, cuja visão do mundo nasce da experiência humana e familiar mais do que de conflitos extraordinários.

Eloy Pontes apresenta-se como um intelectual inquieto, pessimista e profundamente marcado pelas lembranças da infância rural. Seu autorretrato combina orgulho intelectual, espírito crítico e certa melancolia existencial. As recordações da fazenda do avô, da antiga senzala e das dificuldades da juventude aparecem como elementos decisivos de sua formação moral. Ao recordar que chegou ao Rio “*sem tostão*”, evidencia-se a imagem de um homem forjado pela luta, pela experiência jornalística e pela convivência com os trabalhadores, sem abandonar um olhar desconfiado diante da sociedade e de si mesmo.

Por outro lado, o autorretrato de Jorge de Lima evidencia um escritor dividido entre tradição e renovação estética. Ao recordar sua formação parnasiana e a posterior adesão ao modernismo, ele procura mostrar que sua evolução poética foi natural e não uma simples “*conversão*” literária. O texto revela ainda um intelectual consciente das incompreensões que cercavam sua poesia religiosa e sua busca espiritual. Jorge de Lima projeta a imagem de um artista que vê a literatura como expressão profunda da alma e da experiência humana, recusando simplificações críticas sobre sua obra.

José Maria Belo constrói um autorretrato introspectivo e melancólico, centrado na influência decisiva de suas origens familiares e econômicas. A decadência da aristocracia açucareira pernambucana aparece como fator determinante de seu temperamento tímido, inseguro e inclinado ao tédio. O escritor associa sua personalidade às experiências da infância no engenho e ao isolamento intelectual, revelando um homem mais voltado para a reflexão interior do que para a vida pública. Sua valorização da leitura livre e da formação autodidata reforça a imagem de um intelectual independente e contemplativo.

Marques Rebelo aparece como um personagem profundamente marcado pelo humor, pela ironia e pelo pessimismo. Seu autorretrato mistura brincadeiras astrológicas, comentários sobre a própria aparência física e reflexões sobre o comportamento humano. Apesar do tom aparentemente leve, o texto revela um homem sensível, descrente e profundamente crítico em relação ao mundo moderno. Rebelo confessa seu gosto pelo isolamento, sua dificuldade de convivência social e sua simpatia pelos mais humildes. Há nele uma permanente tensão entre a ironia e a melancolia, entre o sarcasmo e a ternura.

Dias da Costa, por sua vez, constrói um dos textos mais sinceros e autocríticos reunidos nesta obra. Desde o início, afirma não possuir *"sinais particulares"*, numa clara referência ao sentimento de anonimato e de insignificância diante do mundo. O escritor revisita sua trajetória profissional - marcada por empregos modestos e experiências variadas - e

reconhece o fracasso relativo de sua produção literária. Ainda assim, seu texto impressiona pela honestidade intelectual. Dias da Costa apresenta-se como um homem tímido, antifascista, torcedor do Flamengo e profundamente inseguro quanto ao valor de sua obra. Seu autorretrato transforma-se, assim, em um exercício de humildade e de reflexão existencial.

No autorretrato de Aurélio Buarque, destaca-se a ironia elegante e o tom de falsa modéstia com que descreve a si mesmo. O escritor insiste na ausência de originalidade em sua figura, definindo-se como um homem comum, de “*desoladora vulgaridade*”. Entretanto, por trás dessa aparente simplicidade, percebe-se um intelectual refinado, consciente das próprias limitações e inclinado à observação crítica da realidade. Seu texto demonstra equilíbrio, lucidez e um humor discreto, características que também marcariam sua atuação intelectual e filológica.

Sérgio Milliet oferece ao leitor um retrato marcado pela sofisticação intelectual e pela influência europeia. Educado na Suíça e participante indireto da ‘*Semana de Arte Moderna*’, Milliet descreve suas experiências políticas, culturais e literárias na Europa durante a Primeira Guerra Mundial. Homem de múltiplos interesses, atuou como poeta, crítico, sociólogo, jornalista e professor. Seu texto revela alguém profundamente racional, autoconsciente e crítico de si mesmo. Embora seja frequentemente visto como frio e distante, Milliet deixa transparecer uma sensibilidade intensa, cuidadosamente disfarçada sob a aparência de intelectual rigoroso.

Já o autorretrato de Leda Maria apresenta uma escritora moldada pela solidão da infância e pelo contato precoce com a leitura. Filha única, habituou-se desde cedo ao universo imaginativo dos livros, passando das histórias infantis às aventuras literárias que estimularam sua criatividade. O texto evidencia uma personalidade espontânea e bem-humorada, sobretudo quando recorda suas primeiras tentativas de escrita e os concursos literários que a incentivaram a continuar produzindo. Em seu relato, a literatura aparece como consequência natural de uma vida cercada por fantasias, leituras e experiências intelectuais, revelando uma autora jovem, observadora e profundamente apaixonada pela invenção literária.

Flávio de Campos aparece como um homem ligado ao universo rural e profundamente desconfiado das convenções sociais. Em seu texto, valoriza a amizade sincera, a lealdade e a franqueza, ao mesmo tempo em que critica a superficialidade das relações humanas. Sua personalidade é marcada pela independência e pela sinceridade extrema, características que, segundo ele próprio, lhe custaram muitas amizades. Flávio de Campos representa, dentro desta coletânea, o intelectual inconformado e avesso às máscaras sociais.

Joel Silveira talvez seja um dos personagens mais vibrantes e contraditórios deste livro. Jornalista combativo e cronista de grande talento, ele se descreve como um homem marcado pelo desencanto, pela timidez e pela inquietação permanente. Ao mesmo tempo em que minimiza o valor de sua produção literária, reconhece o impacto do jornalismo em

sua formação humana e intelectual. Joel Silveira fala de sua vaidade, de sua insegurança, de suas paixões amorosas e de sua aversão ao fascismo. Seu texto possui um tom confessional raro, revelando um escritor consciente das próprias contradições e profundamente atento à realidade política e social do Brasil.

Peregrino Júnior apresenta-se como médico e escritor, construindo seu autorretrato a partir da linguagem da biotipologia e da análise psicológica. Seu texto é atravessado por reflexões sobre hereditariedade, temperamento, infância, viagens e experiências literárias. O autor relembra sua passagem pela Amazônia, seu envolvimento com o jornalismo e sua aproximação com a medicina. Em Peregrino Júnior, percebe-se a tentativa constante de compreender o ser humano por meio da ciência e da literatura. Seu autorretrato é, ao mesmo tempo, autobiografia, estudo psicológico e confissão íntima.

Joracy Camargo constrói um autorretrato fortemente ligado à formação histórica e racial do Brasil. Ao rememorar seus antepassados bandeirantes e a mistura de origens que compõem sua identidade, ele transforma a própria biografia numa metáfora da formação nacional. O escritor utiliza humor e irreverência para tratar de temas como raça, aparência física e talento intelectual, questionando preconceitos sociais e raciais ainda presentes na sociedade brasileira. Seu texto revela uma personalidade expansiva, crítica e consciente das contradições históricas do país.

No autorretrato de Lia Correia Dutra, percebe-se uma escritora marcada pela ironia, pela autocrítica e por uma sincera modéstia diante de si mesma. Ao iniciar seu texto confessando a dificuldade de escrever pouco e, ao mesmo tempo, afirmando não possuir *“quase nada”* a dizer sobre a própria vida, Lia constrói uma narrativa intimista, na qual a simplicidade cotidiana se transforma em elemento central de sua personalidade literária. A autora rejeita qualquer tentativa de romantizar sua trajetória, preferindo a honestidade de um depoimento direto e despretensioso. Sua escrita revela uma consciência aguda do fazer literário e um temperamento sensível, capaz de rir de si mesma enquanto valoriza, acima de tudo, a estima dos amigos e a sinceridade do testemunho pessoal.

Por fim, Luiz Martins oferece um retrato marcado pela introspecção e pela consciência crítica. Divide sua vida em duas fases: a carioca e a paulista. O escritor fala de seus romances, de suas experiências pessoais e de sua relação com a crítica literária. Confessa sua timidez, sua tendência à melancolia e sua dificuldade de convivência social. Ao mesmo tempo, reafirma sua crença na transformação social e em valores humanistas. Seu texto revela um intelectual dividido entre o desejo de reconhecimento e o desencanto diante da vida moderna.

Ao longo desta coletânea, o leitor perceberá que os autores compartilham certos elementos comuns. Muitos deles vieram de origens humildes ou enfrentaram grandes dificuldades financeiras antes de alcançar reconhecimento

intelectual. O jornalismo aparece como espaço fundamental de sobrevivência e formação cultural. A experiência do Modernismo também atravessa grande parte dos depoimentos, seja pela participação direta na '*Semana de Arte Moderna*', seja pelo diálogo com as transformações estéticas iniciadas na década de 1920.

Outro aspecto importante presente nesta coletânea é a relação entre literatura e política. Diversos autores manifestam posições antifascistas e demonstram preocupação com os rumos do mundo em plena Segunda Guerra Mundial. A literatura surge, assim, não apenas como expressão artística, mas também como instrumento de reflexão crítica sobre a sociedade brasileira.

Do ponto de vista estilístico, *Autorretratos: Escritores brasileiros diante de si mesmos* poderá impressionar o leitor pela variedade de tons e linguagens. Há textos marcados pelo humor corrosivo, outros pela introspecção melancólica e alguns pela reflexão filosófica. Em comum, todos apresentam forte dimensão humana. Nos textos aqui reunidos, os escritores abandonam momentaneamente a postura solene do intelectual e revelam-se como indivíduos comuns, sujeitos a medos, fracassos, inseguranças e contradições.

A leitura desta obra permitirá compreender não apenas os autores individualmente, mas também o ambiente cultural brasileiro das décadas de 1930 e 1940. Trata-se de um período em que a intelectualidade nacional buscava definir o papel da literatura em uma sociedade marcada por desigualdades, crises políticas e intensas transformações

sociais. E, os autorretratos aqui reunidos revelam escritores profundamente envolvidos com o seu tempo histórico.

‘Autorretratos: Escritores brasileiros diante de si mesmos’ é um documento histórico e literário, organizado com o intuito de aproximar o leitor contemporâneo das inquietações humanas e intelectuais de alguns dos principais escritores brasileiros do início do século XX. Ao falar de si mesmos estes autores acabam também retratando uma geração inteira, marcada pela modernização cultural, pelas disputas ideológicas e pela busca de identidade nacional.

Mais do que uma reunião de textos autobiográficos, a presente coletânea é uma grande galeria humana, onde cada escritor surge como personagem de sua própria narrativa, expondo virtudes e fraquezas com admirável sinceridade. O leitor encontrará, nestas páginas, não apenas nomes consagrados da literatura brasileira, mas homens reais, contraditórios, sensíveis e profundamente humanos.

Espera-se com esta obra demonstrar que a literatura não apenas nasce do talento artístico, mas também das experiências vividas, dos conflitos interiores e da relação intensa entre o escritor e o mundo ao seu redor. A leitura desta coletânea possibilitará ao leitor entrar em contato com a intimidade intelectual e emocional de uma geração decisiva para a cultura brasileira, compreendendo que, por trás de cada grande obra literária, existe sempre uma personalidade complexa, inquieta e profundamente humana.

Campina Grande-PB,
maio de 2026

AUTORRETRATOS:

**Escritores brasileiros diante
de si mesmos**

Graciliano Ramos visto por Graciliano Ramos¹



Graciliano Ramos

Nasci em 27 de Outubro de 1892, em Quebrangulo, Alagoas, donde saí com dois anos. Meu pai, Sebastião Ramos, negociante miúdo, casado com a filha dum criador de gado,

¹ **Leitura** (Crítica e Informação Bibliográfica), nº 1, Rio de Janeiro, dezembro de 1942, págs. 11-12.

ouviu os conselhos de minha avó, comprou uma fazenda em Buíque, Pernambuco, e levou para lá os filhos, a mulher e os cacarecos. Ali a seca matou o gado e seu Sebastião abriu uma loja na vila, talvez em 95 ou 96. Da fazenda conservo a lembrança de Amaro vaqueiro e de José Baía. Na vila conheci André Laerte, cabo José da Luz, Rosenda lavadeira, padre João Inácio, Felipe Benício, Teotoninho Sabiá e família, seu Batista, dona Maricas, minha professora, mulher de seu Antônio Justino, personagens que utilizei muitos anos depois.

Aprendi a carta de ABC em casa, aguentando pancada. O primeiro livro, na escola, foi lido em uma semana; mas no segundo encenquei: diversas viagens à fazenda de um avô interromperam o trabalho, e logo no começo do volume antipático a história besta dum Miguelzinho que recebia lições com os passarinhos fechou-me, por algum tempo, o caminho das letras. Meu avô dormia numa cama de couro cru, e em redor da trempe de pedras, na cozinha, a preta Vitória mexia-se, preparando a comida, acorçada. Dois currais, o chiqueiro das cabras, meninos e cachorros numerosos, soltos no pátio, cobras em quantidade. Nesse meio e na vila passei os meus primeiros anos. Depois *'seu'* Sebastião aprumou-se e em 99 foi viver em Viçosa, Alagoas, onde tinha parentes. Ai entrei no terceiro livro e percorri várias escolas, sem proveito.

Como levava uma vida bastante chata, habituei-me a ler romances. Os indivíduos que me conduziram a esse vício foram o Tabelião Jerônimo Barreto e o agente do correio Mário Venâncio, grande admirador de Coelho Neto e também literato, autor dum conto que principiava assim: *"Jerusalém, a*

deitada, dormia sossegadamente à luz pálida das estrelas. Sobre as colinas pairava uma tênue neblina, que era como o hálito da grande cidade adormecida”.

Um conto bonito, que elogiei demais, embora intimamente preferisse o de Paulo Kock e o de Júlio Verne. Desembestei para a literatura. No colégio de Maceió, onde estive pouco tempo, fui um aluno medíocre. Voltei para Viçosa, fiz sonetos e conheci Paulo Honório que em um dos meus livros aparece com outro nome.

Aos dezoito anos fui com a minha gente, morar em Palmeira dos Índios. Fiz algumas viagens a Buíque, revi parentes do lado materno, todos em decadência. Em começo de 1914 enjoadado da loja de fazendas de meu pai, vim para o Rio, onde me empreguei como foca de revisão. Nunca passei disso.

Em fim de 1915, embrenhei-me de novo em Palmeira dos Índios. Fiz-me negociante, casei-me, ganhei algum dinheiro, que depois perdi, enviuvei, tornei a casar, enchi-me de filhos, fui eleito prefeito e enviei dois relatórios ao governador. Lendo um desses relatórios, Schmidt imaginou que eu tinha algum romance inédito e quis lançá-lo. Realmente o romance existia, um desastre. Foi arranjado em 1926 e apareceu em 1933. Em princípio de 1930 larguei a prefeitura e dias depois fui convidado para diretor da Imprensa Oficial.

Demiti-me em 1931. No começo de 1932 escrevi os primeiros capítulos de ‘São Bernardo’, que terminei quando sai do hospital. As recordações do hospital estão em dois contos publicados ultimamente, um em Buenos Aires, outro aqui. Em

janeiro de 1933 nomearam-me diretor da Instrução Pública de Alagoas - disparate administrativo que nenhuma revolução poderia justificar. Em março de 1936, no dia em que me afastavam desse cargo, entreguei à datilógrafa as últimas páginas do *'Angústia'*, que saiu em agosto do mesmo ano, se não estou enganado, e foi bem recebido, não pelo que vale, mas porque me tornei de algum modo conhecido, infelizmente.

Mudei-me para o Rio, ou antes, mudaram-me para o Rio, onde existo, agora. Aqui fiz o meu último livro², história mesquinha - um casal vagabundo uma cachorra e dois meninos. Certamente não ficarei na cidade grande. Preciso sair. Apesar de não gostar de viagens, sempre vivi de arribada, como um cigano. Projetos não tenho. Estou no fim da vida se é que a isso se pode dar o nome de vida. Instrução quase nenhuma. José Lins do Rego tem razão quando afirma que a minha cultura, moderada, foi obtida em almanaques.

² O escritor estava se referindo ao seu livro *'Vidas Secas'*, consagrado romance da literatura brasileira, publicado inicialmente em 1938, pela famosa *'Livraria José Olímpio Editora'*.

José Lins do Rego visto por José Lins do Rego³



José Lins do Rego

³ **Leitura** (Crítica e Informação Bibliográfica), nº 2, Rio de Janeiro, janeiro de 1943, pág. 19.

PEDE-ME LEITURA algumas notas autobiográficas... que eu lhe escreva alguma coisa que fale de minha vida. Não acredito que haja em meus 41 anos nada de particular para o interesse de leitores que desejam narrativa de espante. Nasci de gente rica, nunca passei fome, nunca fui preso, nunca me senti perseguido. Vida de regato sem quedas d'água. Não posso falar mal da vida e nem tão pouco me senti roubado. De mim nada tomaram até hoje. Nunca sofri uma séria injustiça. Fui menino de colégio que apanhei muito do meu diretor, Eugênio Lauro Maciel Monteiro, porque merecia mesmo apanhar. É verdade que me criei sem mãe. É tudo quanto posso arguir contra o destino: o de ter ele matado a mãe a um filho com menos de um ano.

Fora o que sempre ouvia dizer quando comecei a entender-me de gente: *"coitadinho, tão pequeno, e sem mãe!"* Isto me doía de verdade. Tive uma infância de *'Menino de Engenho'*, atormentado pela asma. - Tudo me fazia mal: sol, chuva, goiaba verde, mormaço, banho de rio. Responsável por tudo era o *'puxado'*. Toda a minha infância foi assim perseguida pela doença. O remédio que me davam para cura era os vômitos terríveis, como si quisessem arrancar a doença, a unha, de minhas entranhas. Foi o pior período de minha vida. Depois tudo foi correndo sem tragédia. Fui estudante, fui jornalista, fui promotor, fiscal de banco, fiscal de consumo, romancista sem caminhar por cima de espinhos. Não tenho inimigos, não tomei o lugar de ninguém.

Um grande amigo me disse uma vez que era um egoísta, que só via em tudo, a minha pessoa. Fiquei a pensar na

coisa. Vi, no entanto, que via no mundo mais alguma coisa que a minha única pessoa. Refleti em todos os meus romances, em todos os meus personagens (os que mais sinto) e pude verificar que a humanidade existia para mim. Será que nesta humanidade que eu amo só existe, de verdade, ou mesmo? Que vendo as dores dos homens, as suas angústias, os seus desesperos, eu esteja procurando me defender, procurando um jeito de escapar da vida? Quem sabe que não tem razão o meu amigo? LEITURA quer fatos e eu estou em exame de consciência.

Nasci em 1901, no Engenho Corredor, do meu avô José Lins Cavalcanti de Albuquerque. Fui menino rico, fui estudante rico, nunca tive doença grave, nunca precisei suar camisa para viver. Devo estas facilidades aos latifúndios de meu avô e depois ao Estado brasileiro. Sou desde 1926 funcionário público, com ordenado que me dá tranquilidade de vida. Tenho três filhas, e moro em casa própria que estou pagando à Caixa Econômica. Nada quero mais do que tenho.

Já escrevi 11 livros e espero fazer mais alguns. Gosto dos meus livros como gosto das minhas filhas. Quando sucede reler algum é como se estivesse a fazer uma carícia paterna. Podem não prestar, mas gosto deles. Em síntese é esta a minha vida: de menino rico a funcionário bem pago. Não me sinto preterido, enteado, roubado. Agora, isto de dizer que só sou um egoísta, é julgamento duro demais. Porque, há momentos, em que sofro, de fato, pela humanidade. Sei que amo a humanidade porque odeio as tiranias com todo o peso de um corpo e toda a pureza de minha alma. E este odiar sem tréguas

a opressão me reabilita de todas as minhas fraquezas. O moleque Ricardo pode dar o braço a Carlos de Melo. Eles dois juntos compõem a humanidade que eu amo.

Leda Maria vista por Leda Maria⁴



Leda Maria [1943]

⁴ **Leitura** (Crítica e Informação Bibliográfica), nº 2, Rio de Janeiro, janeiro de 1943, págs. 21 e 25.

NASCI aqui mesmo no Rio, Por volta de 1920. Era o único rebento da família e por isso cresci sozinha. Por isso também me acostumei desde muito cedo a ler horas seguidas. Li todas as aventuras de gatos, cães, patos e coelhos que se publicavam naquele tempo. Depois evolui para as aventuras da turma de D. Benta e para os livros da Condessa de Segur. Li 's desastres de Sofia', 'As meninas exemplares', 'As férias'. Quando acabei, fiquei com tanta pena que escrevi uma continuação. Infelizmente, a obra prima se perdeu.

Só muito mais tarde criei um personagem. Neste tempo era íntima de Júlio Verne, vivia agarrada a livros de aventuras e pensava: *"there is no place like Africa"*. Estava lendo um livro de caçadas. Os caçadores eram dois, duas criaturas perfeitas e invulneráveis que enfrentavam a morte vinte vezes ao dia sem pestanejar. Acabei me cansando de tanta coragem e inventei um terceiro caçador, criatura humaníssima que batia os dentes, arrepiava os cabelos e não desdenhava uma boa corrida.

Depois meu tio fez um concurso de quebra-cabeças e ganhou como prêmio uma assinatura do 'Malho'. Eu me tornei leitora assídua da 'Caixa', que reproduzia de vez em quando trechos dos pretendentes falidos. Um dia achei que se não conseguisse fazer nada melhor do que aquilo, pior também não poderia e mandei um pequeno conto, escrito às escondidas. Até hoje não sei quem na realidade dirigia aquela seção. Mas era uma pessoa amável e paciente. Não só publicou o meu trabalho, como ainda me aconselhou.

Quando o 'Malho' se tornou mensal e encerrou a seção da 'Caixa', eu me vi reduzida a ser meu único público. Nunca teria coragem de embarafustar por uma redação ou casa editora com um famigerado rolinho de papel embaixo do braço. Foi então que me lembrei de fazer concursos. Comecei pelos concursos permanentes de carioca e da Cigarra e o resultado me animou a concorrer a um concurso de crônicas da Livraria José Olímpio e mais tarde a outro da Alba Editora, em combinação com o '*Dom Casmurro*', onde depois colaborei.

Mas apesar de ter sido bem sucedida em todos, foi por acaso que tentei obras mais longas. A '*União Nacional de Estudantes*' abriu um concurso de teatro. Num bonde de Barcas, a caminho da Faculdade eu e Myrta de Queiroz Lima discutimos a oportunidade. Perguntei, meio por brincadeira: "*E se nós concorrêssemos?*"

Myrta é uma criatura de resoluções súbitas. Quando chegamos à Faculdade já havia um esquema e um mês depois a peça estava pronta. Tinha tudo, menos teatro. Não sei como conseguiu o primeiro lugar, em chave com duas outras. Passei uns tempos sem escrever até que uma tarde de muita chuva, quando estava gripada e sozinha em casa, escrevi '*Convalescença*'. Depois de pronto gostei tanto dele que resolvi dar-lhe sete companheiros e mandá-los, bem penteados e arrumadinhos, ao '*Prêmio de Contos Humberto de Campos*'.

Enquanto esperava o resultado, tirei outro prêmio de teatro e li a portaria do Ministro Marcondes Filho. Resolvemos tentar a sorte, eu e Maria Luisa. A minha colaboração com Myrta se originou de modo dinâmico, com Maria Luisa foi de

um modo elétrico. Resolvemos colaborar às 8 horas, às 8 e 15 surgia Maria Tereza, às 8 e 30 D. Estefânia.

No dia em que minha peça foi estreada recebi um telefonema da Livraria José Olímpio avisando-me de que havia tirado a 1ª Menção Honrosa.

Eloy Pontes visto por Eloy Pontes⁵



Eloy Pontes [1943]

NASI de pai cearense e mãe fluminense. Pelos quatro costados sou descendente de portugueses. Das influências paternas recolhi a intrepidez de opinião, a coragem

⁵ **Leitura** (Crítica e Informação Bibliográfica), nº 3, Rio de Janeiro, fevereiro de 1943, pág. 15.

diante dos fátuos, a indiferença pelas evidências, que constituem apanágio dos presumidos. Das influências maternas recolhi o caráter mordaz nos conceitos, o instinto crítico, o desprezo pelos que de mim discordam, a espécie de repugnância com que, em regra, assisto ao triunfo dos tolos.

Meu avô materno era fazendeiro, vindo do tempo dos escravos, homem inteligentíssimo, com pendores literários (que só agora compreendo), corajoso e generoso. Foi ele quem me criou até a idade da compreensão e do colégio. Não porque meu pai não pudesse fazê-lo. Meu pai, a esse tempo, tinha mais do que começo de fortuna. Minha avó, porém, não se fatigara de criar seis filhos e tomava os netos às filhas. Como sempre aconteceu no Brasil antigo.

Insisto nestas reminiscências porque elas são as mais nítidas que a minha memória conservou. Lembro-me dos internatos, que percorri, dos professores, dos dias melancólicos, dos sacrifícios, das discórdias, dos dias bons e dos maus dias, das esperanças perdidas. Mas o panorama da fazenda do meu avô, com a antiga senzala, os cafezais, onde as laranjeiras punham manchas apetitosas, os moleques, que eu comandava como um general impune, repontam sempre e principalmente nas horas de amarguras e desânimos, que me assustam, de onde em onde, à toa. Sou propício às melancolias injustificáveis, desconfiado e pessimista, comigo e com os outros, certo mais comigo mesmo.

Vim para o Rio sem tostão, disposto a vencer os caprichos do pessimismo. Aqui vivi e estudei (estudante pobre) com pertinácias. Fui tudo. Tipógrafo, revisor de provas,

repórter, diretor de jornal. Nunca desejei ser mais do que os proletários, de cujos contágios sempre conservei lembranças indeléveis. Outras circunstâncias concederam-me vantagens de empregado público. Atingi a tanto muito tarde. Não sou perseverante. Sou teimoso, que é outra coisa. Não sei exculpar os que me agridem e ofendem.

Ao cabo de longos esforços nada possuo, além de livros. Fui sempre leitor assíduo. Daí ter escrito pouco. Melhor: ter publicado pouco de tudo quanto escrevi. Se não mudar de ideia publicarei ainda alguns livros. Se examino e avalio os fatos da minha formação sinto que o mais importante de todos decorreu da curiosidade que me levou ao Apostolado Positivista, onde Teixeira Mendes explicava as doutrinas de Augusto Comte, em conferências de duas horas, e, às vezes, mais.

A curiosidade durou anos. Nunca empreguei tão bem o tempo. Daí me vieram resultados magníficos. Depois fui levado a preferências, que minha vida de infância explica. Interessei-me pelos problemas de ordem coletiva. Sem ambições. Nunca invejei ninguém. Tenho a certeza lúcida de que ignoro a maioria das coisas que os homens não devem ignorar. Com algumas qualidades de analista julgo que sou indiferente aos louvores sem motivos. Gostaria de viver na roça.

Tudo, porém, conspirou contra essa vontade. Se me fosse dado desandar a roda da vida, gostaria de voltar à fazenda de meu avô, com as calças curtas, a ignorância completa do mundo, sem aspirações definidas. Por quê?

Apenas porque a vida fatiga. É bem possível que ainda me reconcilie com ela. *"Toutes les réconciliations sont faites de lassitude"*, garante Anatole France. É a lassidão que me empolga...

Cada vez que olho para traz, porém, não resisto ao desejo de prosseguir. Sou como toda a gente. A coerência não faz parte dos meus defeitos... Quais os projetos que me inquietam? A bem dizer só tenho projetos literários. Acontece, porém, que todos eles veem sendo embalsamados pela contemplação do que ocorre entre nós. À medida que examino tudo quanto está feito e tudo quanto se vem fazendo, sinto os efeitos de contrastes insanáveis.

Minha vida é um fenômeno meramente espiritual. Os episódios de outra espécie, que poderia recordar, nada explicariam. Além disso, não tenho coragem para dizer tudo, sem subterfúgios ou reticências. Para que mentir?

Nem todo o mundo é Jean Jacques Rousseau, quando escreve *"Confissões"*... O comum é dissimular. Para não dissimular prefiro concluir singelamente que não tenho a coragem de dizer tudo, como seria, talvez útil e, certo, divertido... Minha covardia é enorme, sem dúvida alguma. Felizmente não faz contrastes... A importância dos fatos que formam o romance da minha vida, é de uma mediocridade triste. Os fatos que escapam à regra devem ser emudecidos. Até quando? Até um dia...

Jorge de Lima visto por Jorge de Lima⁶



Jorge de Lima [1940]

⁶ **Leitura** (Crítica e Informação Bibliográfica), nº 4, Rio de Janeiro, março de 1943, pág. 15.

NASCI em União, no Estado de Alagoas, a 23 de Abril de 1895. Estudei no Instituto Alagoano, dos irmãos Aristeu e Goulart de Andrade, no Colégio Diocesano e no Liceu Alagoano. Formei-me aos vinte anos, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Acontece que comecei a fazer versos segundo as formas consideradas parnasianas, e um desses sonetos, '*O acendedor de Lampiões*', entrou para as antologias e ficou fazendo concorrência à minha verdadeira poesia.

Com o modernismo, espíritos imaginosos inventaram mitos sobre minha '*conversão*', subestimando o fato de que o meu processamento lírico me levaria até uma norma poética mais livre e ampla. Foi aí que nasceram '*Negra Fulô*' e outros poemas de temática nativa. Em seguida, colaborei com Murilo Mendes na restauração da '*Poesia em Cristo*'.

Não faltaram as incompreensões e as molecagens intelectuais que ainda continuam em moda no Brasil. Escrevi sempre o que desejei escrever, e se hoje me dedico a outras tentativas de arte, não é porque ache bonito ser romancista ou pintor, mas porque estas necessidades de vidência se impuseram dentro de mim, chegando a constituir uma condição essencial de minha vida total, verdadeira, absoluta.

Muitos me chamam de diletante: acho que o artista tem a sua realidade própria, e não está sujeito a nenhuma exigência superior. Não faço o que poderia agradar aos outros, mas o que nasce em mim e luta para se libertar de minha sensibilidade, sem ligar a qualquer espécie de chatos.

Aliás, parece que o que há, no Brasil, com os escritores, é um inexplicável medo de ser *“eles mesmos”*, sem premeditações nem compromissos. Muitos são os espécimes de homens de letras que traem a si mesmo, não tendo coragem de enfrentar a crítica, preferindo realizar coisas impessoais e informes.

Há poetas que fazem da poesia um acontecimento lógico, um exercício escolar, uma atividade dialética. Para mim, a Poesia será sempre uma revelação de Deus, dom, gratuidade, transcendência, vocação. Longe de mim. O egoísmo de dizer que sou poeta porque quero, de vez que meu pensamento é que sou poeta por que nasci poeta.

Minha bagagem literária anda espalhada, há livros meus traduzidos, poemas musicados em outros países da América. Há produções que muito me agradam, e fazem com que lhes dedique um amor de cego, como *“A Mulher Obscura”*, *“Calunga”*, *“A Túnica Inconsútil”*, *“O Anjo”* e os *“Poemas Escolhidos”*. Dentro de poucos dias, sairá a *“Poesia em Pânico”*, livro de fotomontagens, que, me parece, é a primeira tentativa nesse sentido, feita na América. Tenho um romance inédito, uma peça de teatro; e em Portugal será lançado, brevemente, meu poema cíclico *‘Mira-Celi’*.

É verdade que, lendo este autorretrato, muitos pensarão que não estou fazendo um autorretrato, mas um resumo bibliográfico. Engano. A vida, para mim, vale pela sua solidariedade com a minha arte. Um poema é um acontecimento muito maior que uma distinção oficial, pois

'Mira-Celi' e os seres que vivem nos meus versos, realmente existem, como qualquer indivíduo do mundo animado.

Há quem me acuse de não compreender a missão social do escritor, nos dias de hoje, em que as forças da opressão pretendem sufocar a liberdade e os direitos humanos. Há nisto outro engano. Meus poemas, o romance '*Calunga*', '*A túnica Inconsútil*', finalmente, toda a minha obra literária, é social, porque nela eu falo do homem, de sua presença no mundo, de suas lutas e sofrimentos, de suas inquietações e de seus desejos. Aliás, ninguém pode fazer um romance dizendo de início: "*Vou já, já escrever um romance social*". Puro engano.

O romance é que emerge social, revolucionário, católica, etc., impressentemente, como se revelasse ao escritor sua alma grafada em letra de forma. Bernanos, por exemplo, acha que não sou um poeta católico, o que para mim foi uma surpresa. Vi depois que ele tinha razão. Um autorretrato, para uma revista literária, não pode revelar nenhuma fidelidade de espelho; no mínimo conterà acontecimentos e opiniões dispersas, principalmente para quem é, de há muito, vítima de toda sorte de pergunta jornalística.

Aliás, nem tudo pôde ser dito e observado jornalisticamente. Murilo Mendes, um poeta raríssimo, exemplar, que vive poeticamente desde que nasceu, a mais explosiva reserva de poesia que já conheci, observado por cronista ou redator seria, no máximo, um sujeito muito interessante.

Entretanto, quotidianamente, ele é a mais absoluta negação do quotidiano, vive jogado constantemente em uma invulgar atmosfera de poesia pura, e há mesmo quem o considere louco varrido. Portanto, mostrei apenas fragmentos de espelho, para satisfazer a pedidos. Procurei dar-lhes um tom de sinceridade, um tanto de defesa da insignificante imagem *'floue, fluante'*.

José Maria Belo visto por José Maria Belo⁷



José Maria Belo (1943)

⁷ **Leitura** (Crítica e Informação Bibliográfica), nº 5, Rio de Janeiro, abril de 1943, pág. 21.

NASCI num engenho de Pernambuco, de velha família rural empobrecida pela crise econômica do açúcar, consequência da abolição e que se prolongou pelas primeiras décadas da República. Tal condição, comum a tantos milhares de pernambucanos, naturalmente, não valeria ser notada.

Todavia, todas as vezes que me analiso - e a introspecção é irresistível - tendências nas pessoas do meu temperamento - ela parece-me decisiva na minha formação moral. Atribuo-lhe o fundo de timidez, de desconfiança em mim mesmo, de frequentes crises de indecisão, de vago cansaço de tudo e de todos, de indefinido tédio, que somente a muito custo, no decurso de uma vida de altos e baixos, consigo vencer.

Fiz as primeiras letras no engenho paterno e os *'preparativos'* num Internato no Recife. Não me distingui entre os bons alunos: não me atraiu, como ainda hoje, os estudos a horas certas com a constrangedora finalidade dos exames. Gostava e gosto de ler, escrever, aprender, saciar a curiosidade do meu espírito por minha exclusiva conta, ao sabor da minha fantasia.

Entretanto, a minha gente acreditou-me sempre na inteligência e nos pendores literários. Benévolo julgamento de parentes... Ambicioso, sonhando vagamente com as vitórias do mundo, compreendi cedo que bem limitadas eram as perspectivas que se me abriam em Pernambuco. Em 1905, ainda adolescente, emigrei para o Rio. Como me supunha sensível à pintura, desejei matricular-me na Escola de Belas Artes.

Conselhos de amigos e mais de morada reflexão levaram-me a preferir o curso de direito. De futuro e provavelmente mau pintor surgiu um bacharel como toda gente, fui mais uma vez medíocre estudante; forçado a trabalhar para manter-me, não pude sequer frequentar as aulas da Faculdade.

Desconfio, aliás, que, como no colégio do Recife, elas pouco me interessariam. Bacharel pobre com veleidades literárias, tive o banal destino da maior parte dos pobres bacharéis brasileiros: um emprego público, forma de assistência do Estado ao mandarinato universitário... Completava o emprego a atividade de repórter parlamentar na própria Câmara de que era funcionário. Instalado burguesmente na vida, com ordenados curtos e certos, casei-me e enchi-me de filhos...

De cronista parlamentar, passei a articulista e a colaborador literário de alguns jornais cariocas. Estreei na crítica literária, à maneira, digamos, impressionista.

Creio que tive algum êxito, pois mereci elogios de alguns mestres que não conheci pessoalmente, como José Veríssimo, João Ribeiro e Medeiros de Albuquerque. Recebi certa vez uma carta, muito tocante à minha jovem vaidade, de Rui Barbosa.

Evitei sempre os grupos literários, os pequenos cenáculos de louvores mútuos. Reuni os meus primeiros ensaios de crítica literária e política em alguns volumes. Se, hoje, não me enchem propriamente de remorsos, também me não agradam. Acredito que poderia ter feito bem melhor; mas

tinha pressa em aparecer, em traduzir coisas que julgava bem pensadas.

Consola-me a certeza de que no Brasil raros homens de letras conseguiram realizar a obra de que seriam capazes em outras condições de cultura, de método e de estímulo ambiente. Somos todos, mais ou menos, improvisadores e, sob certos aspectos autodidatas heroicos. Na idade madura escrevi um livro - a *'História da República'* - que acreditava mereceria o meu melhor esforço de escritor... Mais de uma vez já me referi aos escritores que maior influência exerceram em minha mocidade: Eça de Queiroz, os *'realistas'* franceses, Anatole France, Saint Beuve, Taine e Renan.

Dos brasileiros, talvez, Joaquim Nabuco. Muito tendo admirado Machado de Assis e Euclides da Cunha, não me despertavam as afinidades, que me aproximavam, por exemplo, de Joaquim Nabuco. O mesmo poderia dizer de Rui Barbosa. Sempre preferi os prosadores aos poetas; entre estes foi Castro Alves o que mais me impressionou. O gosto da literatura de ficção, hoje meio diluído, não me sufocou jamais a curiosidade pelas indagações filosóficas e sociológicas. A filosofia de William James e, posteriormente, a de Bergson abalaram-me profundamente a crença nas *'certezas'*, das quais, aliás, já intuitivamente desconfiava, do velho spencerismo. Acredito que o pragmatismo e o intuicionismo me abriram o caminho para o retorno à fé religiosa... De família de políticos e tendo vivido sempre entre políticos, não poderia fugir à tentação da vida pública.

Fui deputado federal, passei rapidamente pelo Senado da República e vi frustrarem-se-me os esposais com o governo de Pernambuco...

Deixou-me saudades a política? Tenho afirmado algumas vezes que não; mas talvez não tenha sido muito sincero em tais momentos ou que apenas tenha procurado afastar o meu pensamento de cousas irremediáveis.

É bem difícil estrangular nos homens a paixão pela vida pública. Todavia, já me julgo quase curado; grandes problemas do mundo e, muito deles especialmente os do Brasil, absorvem-me o que nela haveria de melhor ou de mais elevado. O prazer sedativo de evocar o passado e a esperança de dias melhores para a humanidade, depois de destruídas as últimas tiranias que degradam a civilização cristã aliviam-me boa parte das angústias do presente. Não quero duvidar um instante de uma ordem mais justa, mais equitativa, de menos imperfeito equilíbrio social num futuro próximo...

Entre a velha tendência do desencanto e a esperança num mundo melhor, vivo os meus conflitos íntimos. Friso, no entanto, que não é propriamente para mim este mundo melhor em que acredito. Dou-me resignadamente, no aspecto da vida pública, como um *'homo finito'*.

Procuro ajustar minhas contas com a vida. Falhei em muitas cousas que honestamente desejei, mas sempre por culpas minhas, por defeitos irredutíveis do meu temperamento. Não tenho de quem queixar; não guardo nenhum rancor, não cultivo nenhuma inimizade. Gosto de dar

frequentes balanços à minha consciência, preocupado em evitar qualquer pensamento ou sentimento mesquinho.

Somando tudo, julgo tenho bem mais condições exteriores de ventura do que de desventura. Viajei, conheci do mundo grande parte do que ele oferece de mais interessante. Muitas vezes pude realizar com os homens e as mulheres a dupla experiência de Gulliver... Estimo minha gente. Renovo, com dobrado encanto, nos primeiros netos, a alegria de outrora dos primeiros filhos, e namoro o meu próximo jardim de Cândido, nas alturas úmidas de Petrópolis, entre livros e entre as coisas simples e puras da vida: crianças, flores e plantas.

Oswald de Andrade visto por Oswald de Andrade⁸



Oswald de Andrade

⁸ **Leitura** (Crítica e Informação Bibliográfica), nº 6, Rio de Janeiro, maio de 1943, pág. 13.

SAIRIA favorecido, por isso é melhor não tentar. Posso fornecer à LEITURA, através do meu camarada Paulo Zingg, elementos para um retrato. Nasci em São Paulo, na atual Avenida Ipiranga, nº 5 (primitivo), ao meio-dia de 11 de janeiro de 1890. Sou bacharel em Ciências e Letras e bacharel em Direito.

O meu tipo psicológico é, segundo uma classificação toda minha, pedagógico. Gosto de propor os meus pontos de vista, ensinar o que sei, ainda que errado, e intervir mesmo no que não sei.

Sou sentimental, inquieto e agrário. Talvez por isso tivesse me casado e divorciado diversas vezes. Esse 'agrário' é complexo. Ocasionalmente fui plantador de café, tendo sofrido na pele, a alta de 26 e a quebra de 29. Mas originalmente, sou agrário de Portugal e Espanha, com escalas pelo norte da África (Mazagão), Amazonas e Pará (Óbidos) e Minas Gerais. Do lado paterno, sou 5º neto do bandeirante paulista Tomé Rodrigues Nogueira do Ó, fundador de Baependi.

Ainda sob o aspecto psicológico, faço fiado facilmente. Quero dizer que tenho a fé abundante. Cheguei a acreditar até em banqueiros. Como reação, posso atingir o cinismo, nunca o ceticismo. Este traria num tipo como o meu, o suicídio. Na solidão, sou soturno e amlético.

Em público, afirmativo e solar. Briguei diversas vezes à portuguesa. Tomei parte em alguns conflitos públicos, dois quando dirigia o jornal '*O homem do Povo*', em 1931. Estive preso e foragido muitas vezes. Enfrentei duas vaias, a da '*Semana de Arte Moderna*', no Teatro Municipal de São Paulo e a

do Congresso da Lavoura, em 1929. Esta última foi provocada, porque propôs que os latifundiários paulistas dividissem os lucros da terra. A mesa pediu a minha expulsão da Assembleia.

Fui preguiçosamente esportivo, pratiquei o futebol, a natação e o box. Supersticioso e religioso de formação, nunca perdi essas taras, mesmo adotando um credo materialista.

Tenho poucos amigos e numerosos inimigos. Sou mais amigo da verdade do que de Plauto. Principalmente quando Plauto é canalha e a verdade gozada.

Realizei doze travessias para a Europa. Conheci o Oriente próximo, Atenas, Constantinopla, a Palestina e o Egito. Conheço bem meu Estado, e um pouco do Brasil - de Santa Catarina a Pernambuco e Mato Grosso. Fiz duas conferências, uma na Sorbonne, que era Universidade de Paris, e outra em S. Paulo, no Sindicato dos Padeiros, Confeiteiros e Anexos.

Morei quase sempre em São Paulo, na capital, como no interior e no litoral. Morei também no Rio de Janeiro e em Paris. Em palácios, rancho e cortiços, grandes hotéis e quartos modestos.

Literariamente, minha carreira foi tumultuosa. Pode-se dizer que se iniciou com a Semana de Arte Moderna, em 1922. Publiquei então *'Os Condenados'* e *'Memórias Sentimentais de João Miramar'*. Descobri o poeta Mário de Andrade, do que muito me honro. Iniciei o movimento *'Pau Brasil'* que trouxe à nossa poesia e à nossa pintura a sua latitude exata.

Daí passei ao movimento antropofágico que ofereceu ao Brasil dois presentes raros: *'Macunaíma'*, de Mário de

Andrade e *'Cobra Norato'* de Raul Bopp. O divisor das águas de 1930 me jogou para o lado esquerdo, onde me tenho conservado com inteira consciência e inteira razão.

Estou atualmente trabalhando no meu romance cíclico *'Marco Zero'*, em cinco volumes. O primeiro intitulado *'A revolução melancólica'*, fixa o começo da nova era que se abriu para o Brasil, abrangendo episódios do movimento armado de 32. Foi entregue ao editor José Olímpio. Também estou; voltando à poesia. Tenho o primeiro poema de meu livro, poema que dediquei à Maria Antonieta d'Alkmin, com quem vou me casar.

Carlos Drummond de Andrade visto por Carlos Drummond de Andrade⁹



Carlos Drummond de Andrade

⁹ **Leitura** (Crítica e Informação Bibliográfica), nº 7, Rio de Janeiro, junho de 1943, pág. 15.

DIZ o espelho:

- O Sr. Carlos Drummond de Andrade é um razoável prosador, que se julga bom poeta, no que se ilude. Como prosador, assinou algumas crônicas e alguns contos que revelam certo conhecimento das formas graciosas de expressão, certo humor e malícia. Como poeta, falta-lhe tudo isso e sobram-lhe os seguintes defeitos: é estropiado, anti-eufônico, desconceituoso, arbitrário, grotesco e tatibitate. O maior dos nossos críticos passados, presentes e futuros, o Senhor Pontes, que tirou do próprio nome essa consistência de cimento armado, característica do seu estilo, incumbiu-se de lembrar-lhe todos os dias que ele não é poeta; que poeta, só B. Lopes e Theodore de Banville. Mas o Sr. Drummond teima em não escutar a lição desse douto espírito, e a todo momento nos oferece mesquinhas produções poéticas, de que resultam cólicas e explosões nas pessoas de bom gosto, o sr. Pontes inclusive.

O Sr. Drummond de Andrade passa por ser o autor de um poema (?) ou que melhor nome tenha, a que deu o título '*No melo do caminho*'. Essa produção corre mundo e é considerada ora obra de gênio ora monumento de estupidez. Na realidade, não é nenhuma dessas coisas, nem pertence ao estro do Sr. Drummond. Com efeito, quem se der ao trabalho de examinar-lhe o texto verificará que se trata tão somente da repetição, oito vezes seguidas, dos substantivos "*meio*", "*caminho*" e "*pedra*", ligados por preposições, artigos e um verbo. Não há nisto poema algum, bom ou mau. Há apenas alguns vocábulos, que podem ser encontrados facilmente no

“pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa”, revisto pelo Sr. Aurélio Buarque de Holanda.

Esse pequeno fato literário fez despertar em alguns julgadores a suspeita de que se trata de um mistificador. Tem-se por vezes a impressão de que o Sr. Drummond se diverte com o escândalo produzido por seus escritos, escândalo de que emergem as seguintes opiniões a seu respeito: *“É um burro”*. *“É um louco”*. *“É superior a Castro Alves e igual a Baudelaire”*.

Alguns traços pessoais do referido escritor contribuem para aumentar essa dúvida. O Sr. Drummond de Andrade é um indivíduo oculto, como certos sujeitos da oração, ausente mesmo, usa no trato social palavras poucas e frias. Não é visto no Amarelinho nem na livraria José Olímpio, uns acham-no tímido, outros convencido. Quando está caceteado na presença de outro escritor, costuma acariciar a orelha com a ponta dos dedos, à procura de um fio de cabelo, que arranca discretamente. Em geral não ri. Apenas uma vez foi visto a Esboçar um leve sorriso, devido a uma pilhéria oral e mímica do Sr. Marques Rebelo. Dizem que o romancista da *“Estrela sobe”* considera esse fato como um dos seus maiores triunfos.

No conjunto das exterioridades significativas do seu temperamento, há a assinalar que o Sr. Drummond mais uma vez se contradiz, passando de escritor a homem prático. Se aquele é abstruso e não raro exotérico, este é funcionário em comissão, muito metódico e fiel aos preceitos burocráticos, que põe acima dos estéticos e dos políticos. Talvez ambicione com

isso aproximar-se do inimitável diretor de secretaria que foi Machado de Assis.

Como servidor público, pode ser visto em seu gabinete à Rua Álvaro Alvim, atendendo simultaneamente a três telefones, recebendo vinte pessoas e lavrando vertiginosamente despachos de *“arquive-se”*, *“cumpra-se”* e *“não há verba”*. Alguns prejudicados por esse último gênero de despacho insinuem que toda a sua atividade é fictícia, e que os negócios públicos caminhariam da mesma maneira ou melhor se ele, em vez de trabalhar, fosse a uma sessão de cinema. Outro ponto a esclarecer.

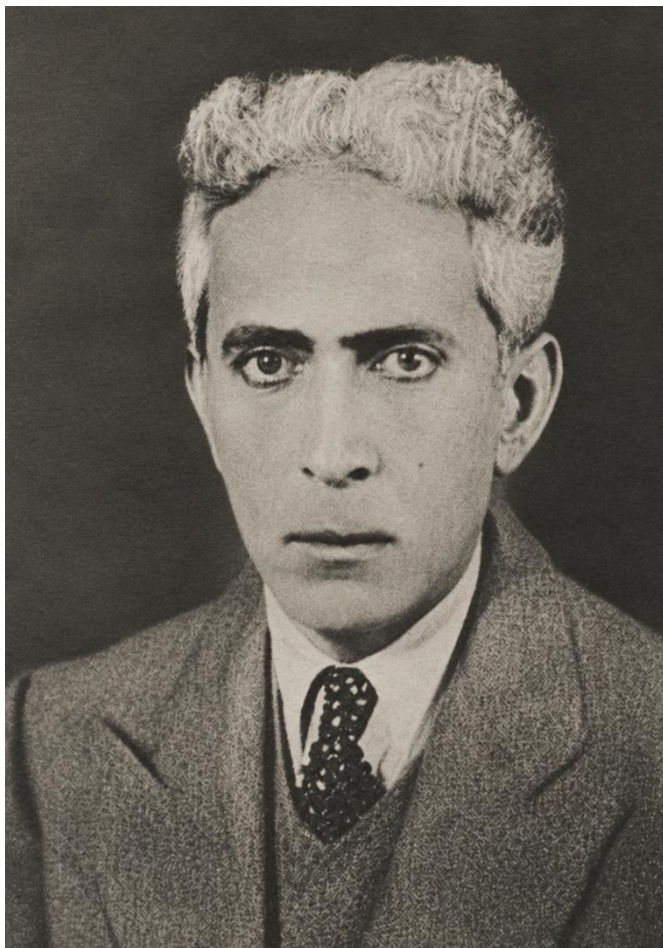
Não há muita coisa interessante na vida do Sr. Carlos Drummond de Andrade, embora ele pense o contrário. Tem explorado largamente o fato de haver nascido em Itabira, cidade mineira do ferro, como se Isto constituísse uma singularidade. Também já publicou que foi expulso pelos jesuítas de Friburgo e que não é bacharel em direito nem médico nem engenheiro; é gente, apenas. Dir-se-ia alimentar, entre outros preconceitos, o anticlerical e o antiuniversitário, o que já deixou de ser uma originalidade.

Quanto aos seus críticos, dão extrema importância ao fato de ser ele um homem magro, no físico e na poesia, ao contrário (segundo os mesmos críticos), do Sr. Augusto Frederico Schmidt, considerado gordo por dentro, isto é, literariamente, e por fora. É talvez uma nova teoria de crítica literária, que se ensaia no Brasil: a da balança de armazém, para pesar banhas, ossos e letras. Se amanhã, com a velhice

que chega, o Sr. Drummond engordar e o Sr. Schmidt emagrecer, terá de ser revista a classificação de ambos.

Por último, e do ponto de vista dos meridianos literários, que o Sr. Viana Moog pôs novamente em moda, o Sr. Drummond é um escritor do centro-sul, mas pouco fiel ao seu clã, pois vive de namoro com os escritores do norte. Será um mascarado? E pelo menos, um sujeito esquisito.

Galeão Coutinho visto por Galeão Coutinho¹⁰



Galeão Coutinho (1943)

¹⁰ **Leitura** (Crítica e Informação Bibliográfica), nº 8, Rio de Janeiro, julho de 1943, pág. 31¹⁰.

A HISTÓRIA de um moço pobre que deixa a vida de província e vem tentar a carreira literária numa grande capital é tão comum no Brasil como no resto do mundo, (semeando, mais ou menos, uns desencantados Luciens de Rubempré, para uma senhora de Bargeton que nos console...) que só os egoístas fazem disso um caso pessoal único e vivem caceteando os amigos, a lamuriar que esta não é a América dos seus sonhos.

Quando o jovem desiludido permanece, para o resto da vida, um lírico incurável, e não um orgulhoso recalcitrante - estou neste último caso - a estante das moças cloróticas fica aumentada de mais alguns volumes de versejadora chorona.

Entretanto, assim como nas antigas cidades, ao atravessar a ponte, o peregrino pagava o chamado imposto de peagem, entrei na Cidade das Letras pagando honradamente o meu tributo: um livro de versos. Chama-se '*Parque Antigo*' e publiquei-o há vinte e três anos. Depois, mergulhei no jornalismo. Foi um bem? Foi um mal?

Parece que foi uma e outra coisa. Impondo-me o anonimato, durante vinte e cinco anos de atividade ininterrupta, a imprensa curou-me do delírio exibicionista que crucifica no ridículo uma porção de provincianos que têm para a capital descobrir a pólvora. Pelo menos, leio com frequência, nos vespertinos e matutinos, com o jamegão por baixo, crônicas e artigos que não passam de noticiário do mais pífilo. Mas, para ver tais coisas é preciso ter vivido vinte e cinco anos na redação dos jornais.

Adiante.

Importa aos clientes de LEITURA saber que nasci em Belo Horizonte, no bairro do Calafate, a 26 de setembro de 1897? E que, por estar então em voga, na Inglaterra, como hoje o grande Churchill, o Lord Salisbury, meu pai, que era doido pela política internacional, me tenha brindado com esse nome? Se importa, aí fica a informação.

Interessa saber, também, que vivi a minha infância, e começos da adolescência, no município fluminense de Pádua, de cujas belezas naturais guardo uma recordação que se vai acentuando com o avançar da idade? Se interessa, faça-lhes muito bom proveito.

Confesso esta segunda parte só para provar que em mim o poeta lírico foi subjugado, mas não morreu. Sofro a nostalgia dolorosa da fazenda da “Floresta”, que ficou sendo para mim - já disse isso algures - uma espécie de Universidade.

Pertenceu essa fazenda, situada embaixo da imponente Serra das Prexeiras, à família Dénys, gente robusta e trabalhadora, da qual repontam aí, em cargos de destaque, servindo à nação com exemplar probidade, o general Odílio Dênis, o tenente-coronel Olinto, capitão Osíris e Otávio Dênis Filho, este último, atual prefeito de Pádua.

Foi o fazendeiro Otávio Dênis, pai desses cidadãos prestantes, e ele próprio um cidadão prestante educado na Suíça, quem me guiou os primeiros passos no mundo das ideias. Havia na fazenda uma ótima biblioteca, reuniam-se lá várias pessoas para a palestra instrutiva. Volto-me em pensamento para essa ilha de inteligência, no início da minha

carreira, como os discípulos do Corão se voltam, em crise de consciência, para a cidade santa do Profeta.

Creio que nesta altura poderia dizer lindas coisas a meu respeito. Se todos se miram, envaidecidos, na “*vera effigie*” feita por outrem, imaginem o que não acontece quando quem faz o retrato é o próprio retratado?

Há tempos, uma jovem de espírito assegurou-me que os homens suportam com facilidade que as mulheres gabem, diante deles, a riqueza, a inteligência, a saúde, a força, a elegância de outro homem; ficam, porém, de mau humor quando gabam a beleza física desse outro homem.

Neste caso, todo homem feio, por mais resignado que pareça, alimenta um secreto despeito contra os homens belos. E isto arrastaria uma parte considerável dos representantes do sexo forte para o negro pecado da inveja, se aos feios não restasse o consolo de serem simpáticos...

Ora, eu não sou belo, com tristeza o proclamo aos que não me conhecem pessoalmente, e o cúmulo da hipocrisia seria dizer que estou satisfeito com o físico que Deus me deu. Felizmente, atropelado por tantos trabalhos e preocupações, não tenho tempo de prestar atenção à própria feiura, como não me sobram vagares para imitar a famosa vaca de Homero, a exemplo de muitos dos meus confrades, que vivem lambendo e adorando as crias, que são os seus escritos.

Quanto ao físico mal proporcionado, para gáudio dos nossos arianos puros não o atribuo ao lado lusitano, pois sou filho de português e neto, pela linha materna, de avô português; atribuo-o, ainda por linha materna, ao ramo

mestiço oriundo da Bahia (desconfio muito que entre esses mestiços havia jagunços dignos da minha maior consideração e estima, convém investigar...) que veio florescer em Queluz de Minas, depois de subir o São Francisco.

Em São Paulo, durante muito tempo, fui tido e havido como autêntico cabeça-chata. Pelo menos, assim me disseram vários italianos.

Prossigamos.

Deverei falar dos meus livros, uns romances de costumes escritos para descarregar impressões várias acumuladas no tumulto dos negócios e do jornalismo?

Não, não devo. Antes, desejaria descer mais ao subterrâneo de mim mesmo, para destruir a muralha de equívocos e falsas interpretações que ameaçam emparedar-me.

Sou julgado como incapaz de levar a vida a sério, pelo fato de gostar de cantar anedotas, sublinhando-as com umas gostosas gargalhadas, como o festeiro de arraial que toca o sino, solta os foguetes e ajuda a missa.

Observou-me alguém, há pouco, em São Paulo, que não sou uma criatura sempre a divergir com extraordinária gravidade. Creio na vitória final da dignidade humana, mal grado as deformações morais por que tem passado o homem, desde que surgiram os primeiros esboços de vida agremiativa na terra.

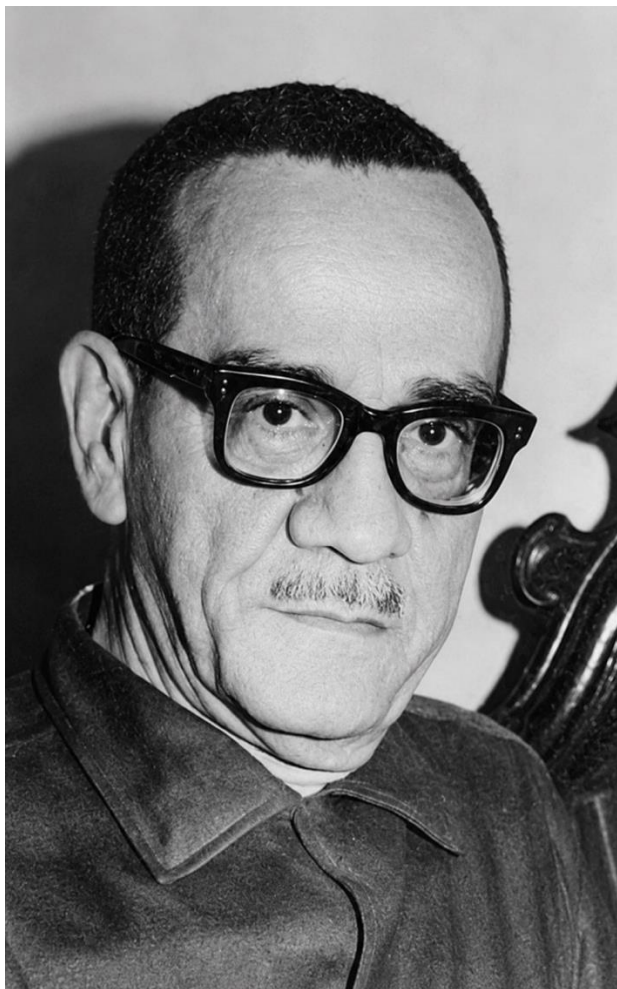
Só não acredito naquilo que muita gente também não acredita, mas finge acreditar: nas convenções sociais e terríveis contingências da luta pela vida que obrigam a reverendar a nulidade triunfante. Acredito, por exemplo, na função

nobilitadora do homem de letras; nego-me, entretanto, a bater palmas aos que com eles se confundem e lhes conspurcam a missão.

É preciso que os meus amigos e conhecidos entendam o seguinte. Não há nada mais cruel para um sujeito de estômago delicado do que, tendo passado antes pela cozinha e aspirado as suas emanções enjoativas, abancar-se num restaurante, por mais floridas que estejam as mesas, resplandecentes as luzes, faiscantes os cristais, alvos os guardanapos e toalhas.

Ora, sendo a sociedade esse restaurante, tive a imensa desgraça de olhá-la sempre de sua cozinha - o jornalismo...

Marques Rebelo visto por Marques Rebelo¹¹



Marques Rebelo

¹¹ **Leitura** (Crítica e Informação Bibliográfica), nº 9, Rio de Janeiro, agosto de 1943, pág. 20.

Molho minha pena de prata na tinta de ouro da modéstia, e eis-me aqui. Nasci num domingo de sol, em Vila Isabel, nas imediações do Ponto de 100 réis. Se não tivesse um verdadeiro pânico do ridículo, haveria de ter um *ex-libris*: *‘Quem nasceu para vintém nunca chegará a tostão’*.

A 6 de janeiro de 1907, Marte andava longe da Terra... Gosto de ler horóscopos. *“As pessoas nascidas sob o signo de Capricórnio serão homens feitos por si mesmos, construtores de sua própria fortuna e saberão como permanecer prósperos. Têm forte gosto por destruir coisas, disposição ativa, e são agressivos, belicosos, entusiastas, veementes e, no entanto, inclinados à melancolia e ao hábito de se isolar. Grande força de vontade, bruscos de maneiras, de modo que parecem rudes por vezes. Obterão dinheiro por seus próprios talentos e esforços, raramente por presente ou herança. Suas famílias serão fonte mais de perturbação que de satisfação. Haverá grandes lutas nas suas vidas. Complicadas e misteriosas intrigas desenvolvidas durante viagens ou por causa delas. Sacerdotes metidos nessas questões. Até os quarenta e dois anos terão de sofrer muitas vicissitudes”*.

Fala ainda o horóscopo no perigo das viagens por mar e dos resfriados. Apesar do horóscopo, nasci para duvidar. É o diabo!

Embora Grieco tenha divulgado que o escritor de *‘Oscarina’* esteja apenas a um metro e meio acima do nível do mar, deve prevalecer a caderneta militar que me dá um metro e sessenta e dois. Na verdade, ainda é pouco. Mas por dentro? Quantos metros?

Pertenço, como único título honorífico, à Ordem do Fole, que aliás está ao alcance de qualquer um. Mas mesmo que não acreditem, há barão na família.

Há coisas inconfessáveis; mas isto é um autorretrato. O numeroso Canabrava, como foi ele adjetivado pelo crítico dos críticos, apanhou-me num sábado de surpresa e submeteu-me à ação de vários aparelhos psicográficos, ou que nome têm. O modestômetro não funcionou. O caractômetro (aparelho para medir o caráter), teve a sua agulha imantada funcionando de maneira bem singular:

- O senhor é católico?
- Não.
- O senhor gosta dos católicos?
- Gosto.
- O senhor é escritor?
- Sou.
- O senhor gosta da literatura?
- Não.

(A agulha estava desorientada).

O complexômetro apresentou um registro de quinhentos e vinte e dois complexos recalcados de primeiro grau. Quanto ao sensibilômetro, ficou inutilizado. O amigo Canabrava tem que mandar buscar outro nos Estados Unidos.

Só uma vez duvidei dos meus méritos, quando fui elogiado por... bem, devemos ser bastante três pontos na vida.

O mundo não tem remédio, eis por que meu pessimismo não é maior. Para o que não tem remédio, cabe um

sorriso às vezes, às vezes um gesto de perdão, quase sempre uma pilhéria. Quase nunca compreendem a pilhéria.

Só o indivíduo pode, por exceção, saber, compreender e estudar certo. A massa não. Perdoem! Daí a minha posição de franco-atirador, contra tudo, quase contra todos.

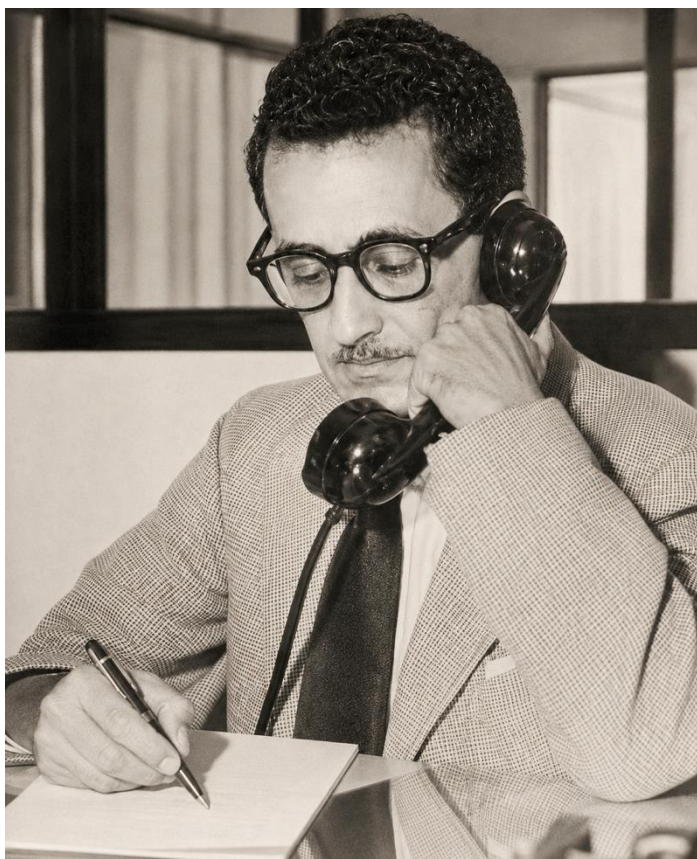
Sinto no mais fundo do meu ser que posso me vender. Atualmente o preço é de oito milhões de cruzeiros por página datilografada, em espaço dois.

Memória de anjo, esqueço todos os insultos, mas me lembro de todas as delicadezas. Bom inimigo, péssimo amigo, isto é, emburreço muito os amigos com a leitura dos principais trechos das obras que detesto. Contra isto há um remédio - não ir aos meus serões.

Amo os pequenos, sofro com eles.

Só tenho um ideal - nunca sair de casa.

Dias da Costa visto por Dias da Costa¹²



Dias da Costa (1943)

PARA saber, de fato, como sou, consulto o meu certificado de reservista. Lá, entre outras coisas, verifico o seguinte: nasci em 1907, no município de Salvador, Estado da

¹² **Leitura** (Crítica e Informação Bibliográfica), nº 11, Rio de Janeiro, outubro de 1943, pág. 18.

Baía, sou vacinado, sei ler e escrever, de cor morena, com um metro e cinquenta e cinco centímetros de altura, nariz oval, rosto regular, boca regular e, para espanto meu, não tenho sinais particulares. Confesso que fico meio encabulado. Onde já se viu um cavalheiro que se preza não ter sinais particulares? Mas, queira ou não, não posso fugir à evidência: não tenho sinais particulares. Logo me consolo. Não tenho sinais particulares no físico. Mas no resto...

Tento me lembrar como sou. Antes de tudo, tímido, para pedir favores e emprego, para as relações sociais e mundanas. Creio que isso provém de várias causas. Entre outras, complexo de inferioridade e educação luso-nortista, do *'não pode'*, do *'faz mal'*, do *'sala do sol, menino'*, das crendices, das assombrações e de outros *'lobisomens'* menores.

Bem, mesmo assim, constato que não avancei muito. Descobri apenas duas coisas: que não tenho sinais particulares e que sou um sujeito meio esquerdo. Convenhamos que isso é muito pouco, mesmo para um retrato de meio corpo. Que fazer, então? Talvez, caso o faça com jeito, consiga alguma revelação, se estudar as minhas preferências mais marcantes.

Muito bem, então, mãos à obra: não gosto de pimenta, não adoro o Senhor do Bonfim, não faço discursos, não sou fã do gênio espetacular de Rui Barbosa.

- Mas você não nasceu na Bahia?
- Nasci, sim senhor, por quê?
- Por nada. Era só para saber.

(Revelo que esse diálogo foi feito comigo mesmo e ninguém teve notícia dele).

Depois disso, verifico que o processo de sondar as preferências não é dos melhores. Afinal, consegui apenas descobrir algumas coisas que não prefiro. Tento outro expediente. Espero ficar distraído, viro-me para mim mesmo e pergunto sem aviso prévio:

- Mas, afinal, que é que você é?
- Eu sou é antifascista.
- Só?
- Só não. Também sou torcedor do Flamengo.
- Ah, bem.

E encerro a discussão. Encerro porque tenho uma ideia. A mim, também, acontece ter uma ideia de V-2 em quando. Já que não consigo me reencontrar, procurando sozinho, verei o que pensam os outros a meu respeito. Um amigo, num dia de outono, escreveu o seguinte: *‘Pessoalmente, um sujeito baixo, de óculos, malicioso e de conversação absorvente’*.

Creio do *‘malicioso e de conversação absorvente’*. Gosto tanto, que aceito o *‘sujeito baixo e de óculos’*, enfim, gostando ou não gostando.

Não avancei muito no retrato. E, uma vez que prometi, preciso fazê-lo. É quando me lembro que se me pediram o retrato é porque julgam de algum valor o que eu já fiz na vida, desde aquele ano de 1907, em que nasci, até este belicoso ano de 1943 em que estou vivendo. E dou de procurar, com verdadeira ânsia, o que já fiz na vida. Olho para trás no tempo e encontro um vazio tão grande que me alarma.

Adoto a ordem cronológica, como preconizam os bons historiadores. Fui revisor de jornal, escrivão interino de

coletoria, funcionário de companhia de seguros, secretário e redator-chefe de revistas diversas, tradutor de agências telegráficas, funcionário público... Não sou bacharel, nem médico, nem engenheiro, nem dentista, nem protético, nem perito-contador. Então, por que diabo devo escrever um autorretrato?

Talvez porque publiquei um livro, um pobre e inocente livrinho, aí pelo ano de 1939. Mas, a obrinha, pelo que eu sei, não teve nem no momento, nem depois, a menor importância. Não ofereceu nada de novo à humanidade, não serviu para ser dada de presente a qualquer namorada de boa família, não mereceu artigos elogiosos dos amigos de confiança, não foi melhor nem muito pior do que tantos outros livrinhos que andam por aí criando mofo nas tranquilas prateleiras das livrarias.

O livro contava umas histórias simples, que eu supus interessantes. Outras pessoas disseram que as histórias chegavam a ser quase tão imbecis quanto o autor do livro. Entre as pessoas que pensaram assim, estava, por exemplo, o sr. Wilson Louzada. Era crítico do jornal 'Dom Casmurro' e escreveu o seguinte:

'Os seres dos contos de Dias da Costa não impressionam ninguém. São frágeis, não possuem vida suficiente para a nossa memória, por mais sentimental que ela seja. Objetivo em excesso, imaginativo sem a nota lírica, o contista de "Canção do Beco" raras vezes consegue fugir do convencional e do monótono'.

E o Sr. Mário de Andrade, crítico de maioridade intelectual comprovada, não teve dúvida em afirmar rotundamente:

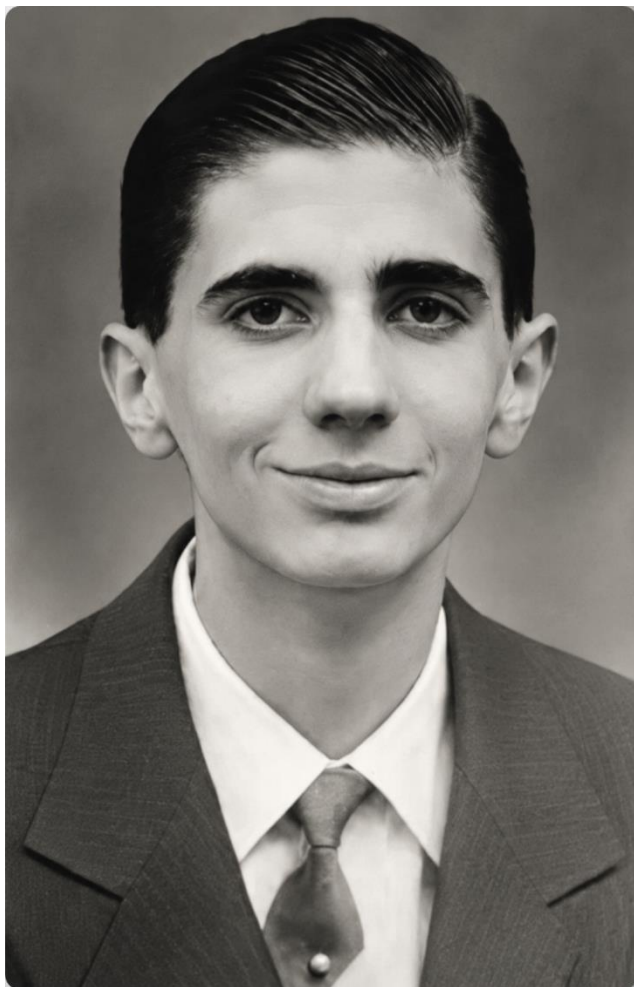
‘Evidentemente, percebe-se que o autor é uma inteligência por demais vigorosa para “ir na onda” do livro que escreveu e se decidiu a publicar. Publicou-o assim como é e como ela quis que fosse: um livro triste, um livro errado, um realismo bravo, parvo, agudo’.

Que importa que outros, com alguma boa vontade, tivessem descoberto, aqui e ali, qualidades discretas nas histórias? Preferi adotar a opinião do Sr. Mário de Andrade e do sr. Wilson Louzada.

Assim, conforme se verifica pelas opiniões citadas, a única coisa que tentei fazer de bom foi um fracasso. E é por tudo isso que, ao rabiscar o autorretrato pedido por *‘Leitura’*, vejo-me forçado a citar um personagem meu, (assim não serei acusado de roubar os alheios) que também procurava se encontrar:

‘Dei hoje um balanço geral em meu quarto e na minha pessoa. O meu quarto não tem quase nada e, no entanto, estou quase satisfeito com ele. Mas, fiquei tão triste com o outro balanço!’

Sérgio Milliete visto por Sérgio Milliete¹³



Sérgio Milliete (1943)

¹³ **Leitura** (Crítica e Informação Bibliográfica), nº 12, Rio de Janeiro, novembro de 1943, pág. 21.

Não me nego a fazer o meu próprio retrato. Mas tenho uma tendência para enxergar-me um pouco deformado. Mais deformado e estilizado do que embelezado. Penso que me conheço muito bem e a pretensão me permite as liberdades caricaturais. Sou poeta e desconfiado. Um pudor quase agressivo aumenta a desconfiança. Tinha outrora uma autocrítica severa; os elogios dos amigos amansaram-na. Hoje me contemplo com alguma condescendência que a mediocridade ambiente justifica.

Nasci em São Paulo, bem no centro da cidade provinciana e besta de 1900. Exatamente 1898, mas já estou entrando na idade em que a gente escamoteia com prazer alguns anos incômodos. Desejaria mesmo escamotear uma dezena deles pelo menos, para fugir à classificação de “homem-ponte” com que me honrou a nova geração. As pontes se dinamitam nas retiradas e a perspectiva não me entusiasma.

Estudei em colégio de padre e fui jogado aos 14 anos na liberdade excessiva da Suíça dos lagos transparentes e das montanhas azuis. Abusei convenientemente dessa liberdade, estudei pouco e escrevi versos para arranjar pequenas.

Meti-me em lutas políticas e conheci os homens célebres da guerra de 14. Uma experiência da vida completa tive eu na Europa. Da uma existência de moço rico passei à miséria do exilado sem mesada. Trabalhei como caixeiro de livraria, dançarino profissional e auxiliar de arquivista na Liga das Nações. Depois cansei. Voltei ao Brasil, passando pela Alemanha do marco desvalorizado e da desintegração social.

Aqui participei timidamente da Semana de Arte Moderna. Mais como admirador de Mário e Oswald de Andrade que como militante ativo. Depois cansei de novo. Dediquei-me a pesquisas sérias de sociologia e história; de crítica também. Tentei a ficção sem êxito, apesar do aplauso dos críticos. Escrevi poemas que ficaram sem eco e que eram bons. Entrei para o jornalismo, trabalhando no *"Diário Nacional"* e no *"Tempo"*, antes de chegar ao *"Estado de São Paulo"*. E como todo jornalista que se preza entrei também para a administração pública: Biblioteca da Faculdade de Direito, secretaria da Universidade, Departamento de Cultura.

Nada brilhante, somente a minha honestidade crítica me trouxe respeito e acatamento. Mas a compreensão ampla e vertical da vida, conquistada nessa longa luta contra tudo e contra todos, angariou-me a amizade dos novos. E também uma linha de dignidade de que procurei jamais me afastar, os induziu a confiar no mano mais velho.

De tudo o que fiz foi o ensino o que me deu maior alegria. Sou um professor claro, nada dogmático, companheiro de seus alunos. Acusam-me de cético.

Apesar de meu nome, paulista sou há mais de um século. Com todos os defeitos do paulista e algumas das qualidades. Defeitos e qualidades que o banho prolongado da Europa acentuou ainda mais. Por isso mesmo os irmãos mais tropicais me acham por vezes antipático; mas quem me conhece muda de ideia.

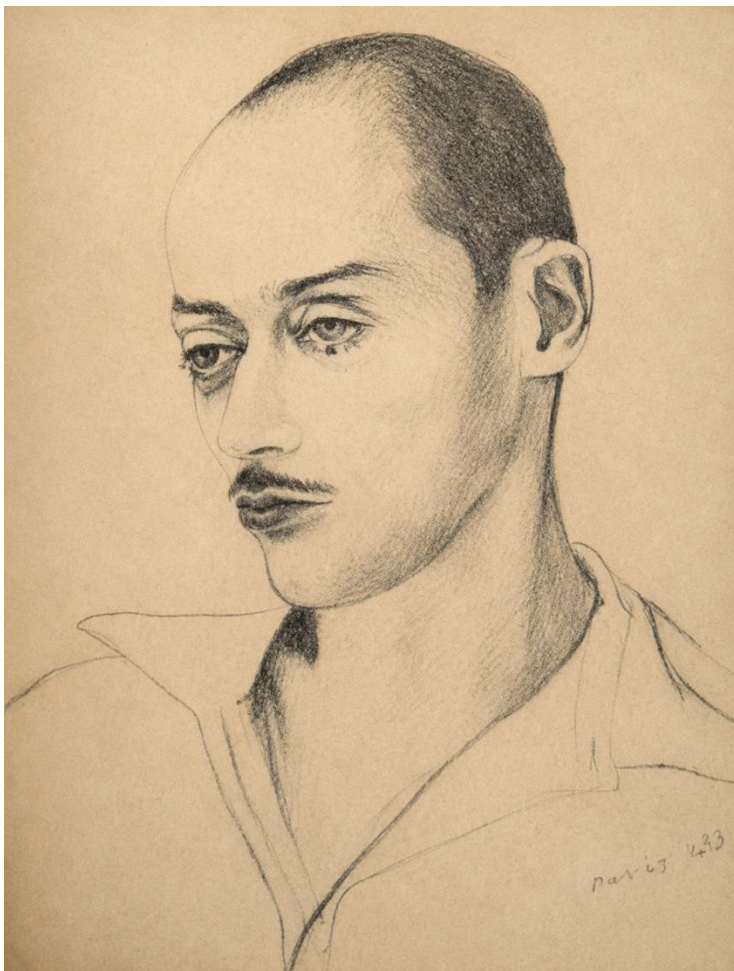
Não tenho ambições políticas ou sociais. Gosto do elogio quando parte dos que eu admiro, e a crítica deles me

magoa. Quanto aos indiferentes, podem falar à vontade. Literariamente aspiro apenas a um posto da reserva de primeiro time. Não por modéstia, mas porque os azes são demais.

Dizem que sou egoísta. Creio que sim e bastante. Mas não acredito que o defeito me caracterize mais do que à maioria das gentes. Apenas em mim esse defeito se percebe muito bem porque não consigo fazer as concessões que os chatos exigem para qualificar-nos de camaradas. Apesar disso, ou talvez por isso mesmo, tenho uma gratuidade que chegam a confundir com bondade.

Sou de uma ternura que me irrita a mim próprio. Donde um esforço de impermeabilidade assaz penosa. Passei a vida a purificar-me, a despir-me dessa fraqueza. Parece que consegui. Não perdi com isso a sensibilidade; antes a apurei. Mas os leigos se enganam, e os apressados também; pensam que sou frio e distante.

Flávio de Campos visto por Flávio de Campos¹⁴



Flávio de Campos

¹⁴ **Leitura** (Crítica e Informação Bibliográfica), nº 13, Rio de Janeiro, dezembro de 1943, pág. 23.

EMBORA tenha nascido em cidade capital, creio que sou, antes de tudo, um homem rural. Rural, suporte bem a solidão, detesto as relações diplomáticas com meu semelhante, sou leal e firme para o punhadinho de amigos que possuo, e tenho um grave, gravíssimo defeito que me tem feito evaporar quase todas as amizades: sou franco demais, cara a cara, quando me pedem a opinião (e às vezes, também, sem me pedirem...), de sorte que sou o tipo do que socialmente se chama de inconveniente. Além disso, desconfiado, ríspido no trato, orgulhoso e tímido ao mesmo tempo.

Esse raio de incapacidade de dar opiniões não-sinceras esparrama-se por todos os campos do social de um modo tão forte e tão indomável, que fez de mim - reconheço - um exemplo do que os sociólogos denominam marginal. Marginal em política, marginal em estudos (nos pós-acadêmicos, bem entendido), marginal a ponto de nunca haver ocupado na sociedade, no sentido tolo de *"high life"*, o lugar que me estava aberto por nascimento.

Como é fácil deduzir, a família de intelectuais que mais me repugna é a dos pagens do poder. O intelectual prostrado, por medo, conveniência ou vocação de sabujice, diante do poder político, do poder do dinheiro, do poder das grandes forças organizadas, como o clero, etc. Claro que acredito que um ou outro, raríssimo, seja realmente sincero quando põe sua força criadora a serviço de uma dessas forças. Não vou exigir do artista o super-humano sacrifício de, rico, pugnar pelo estabelecimento de um regime em que seus privilégios desapareçam; de, político, combater uma situação

de que acaso venha a ser um dos líderes, mesmo porque, neste caso, o artista ou o político não é sincero e então não passa do lacaio que já disse desprezível; ou religioso, convictamente religioso, também se separe proibindo o artista que há nele de se fazer, por sua arte, apóstolo de sua fé. Mas, estes casos são raros que, de um modo geral, o que me agrada mesmo é o intelectual em pé, como crítico.

Com respeito à arte, e em especial à literatura, eu escrevi, há tempos, que a considero maior do que a julgam hoje em dia. Em todo caso, repito: a literatura existe por si, a literatura é — quero dizer, a literatura não é criadinha de recados da ciência, da política nem de coisa nenhuma. Entretanto, no caso brasileiro, e no momento que o mundo atravessa, se bem que eu não a veja obrigada a ser veículo de propaganda, não a compreendo enclausurada em sua torre, aérea e sonâmbula, como se os alicerces da vida coletiva não estivessem sendo abalados. Vou além: toda literatura, queira ou não queira seu criador, uma vez que seja um artista quem a produz, reflete não somente o temperamento do autor: índole, convicções, educação recebida, condições ambientais e econômicas em que foi criado, etc. Como também, e principalmente, o tempo e o meio em que vive. Pois, no caso brasileiro - é isto que quero acentuar - embora a literatura reflita até involuntariamente tempo e meio, no nosso caso acho que ela se deve fazer quanto possível voluntariamente localista e peculiar, como fizeram, por exemplo, Zé Lins, quando estava dentro do ciclo, e Jorge Amado, ainda agora com o *“Terras do Sem Fim”*.

Bem sei que me estou contradizendo com a exigência deste elemento-propaganda dentro da arte. Mas a questão é que estamos nascendo agora, e um artista consciente deve se sacrificar para conseguir esta coisa importantíssima: mostrar ao mundo que existe de fato um país chamado Brasil, que há tais e tais peculiaridades e diferenças regionais dentro dele, que seus anseios e aspirações são estes e aqueles.

Que mais agora? Creio que estou a falar de literatura e não a meu respeito, contradizendo o tal autorretrato do título. Pois bem: minha cara é mais ou menos essa, assim triste quando estou só e penso (e só penso na solidão que tanto me apraz); não gosto de elogios, principalmente à queima-roupa, tanto que uma das críticas que meu "*Planalto*" recebeu, e que mais me agradaram por este pormenor, foi a de Nelson Werneck Sodré, que denunciou em mim, como romancista, a mancha ou marca que o jornalismo, longamente exercido, me imprimiu.

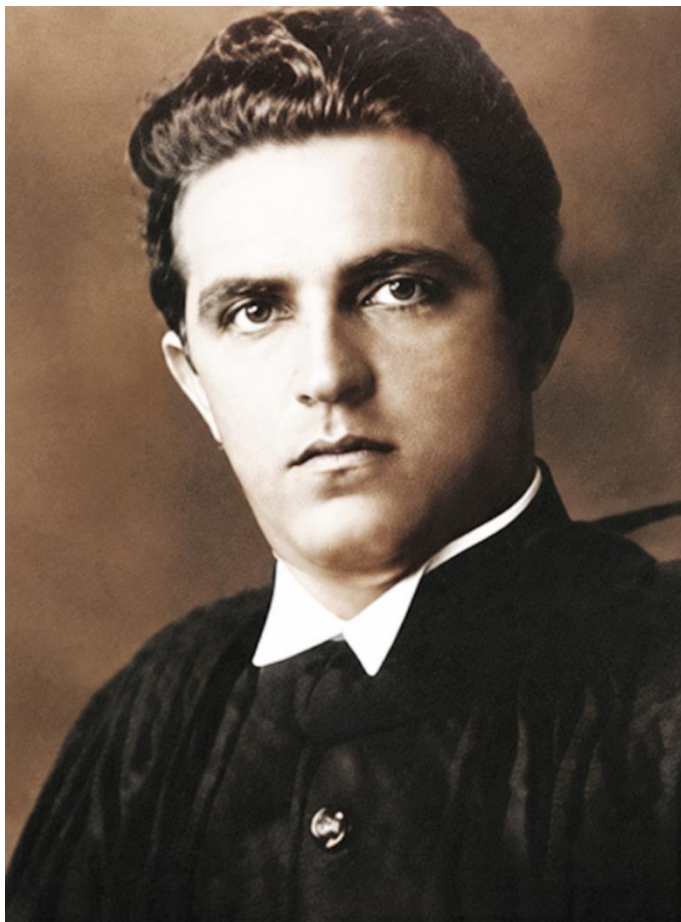
Mas, nem só defeitos, o jornalismo me deu. Deu-me, por exemplo, um orgulho, que muito estimo, bem diferente do aparente orgulho de alguns escritores, que se vangloriam de não ganhar com o que escrevem - observe-se o mecanismo: não ganham porque não vendem o que escrevem, não vendem porque são incompreendidos, são incompreendidos porque são superiores, como artistas, ao que o vulgo aprecia - isso, para falar a verdade, não é bem orgulho, mas ressentimento, e o ressentimento, todos sabem, implica o menosprezo do que não se consegue: no caso, serem lidos e mais ou menos compreendidos. Aliás, a intuição popular já não percebeu há

séculos que quem desdenha quer comprar? E eu a gastar o meu latim...

Meu orgulho é saber-me lido, quando entrego um livro à venda. Não me importa averiguar que camada social comprou o que tornei produto comercial-editorial - importa-me, isso sim, saber-me lido, debatido, discutido. É por isso que me pretendo daqui por diante - sem que isto signifique um programa de trabalho, pois não assumo compromissos - entregar-me unicamente à minha realização como romancista.

Quem sabe se, insistindo, eu viro romancista de verdade e desminto a afirmativa de que S. Paulo, que dá café, algodão, dá cana de açúcar, bicho de seda, indústria, comércio, novos ricos e novos cultos, bancos, bancos - muitos bancos, amigos! - também dá romancista?

Aurélio Buarque visto por Aurélio Buarque¹⁵



Aurélio Buarque (1940)

¹⁵ **Leitura** (Crítica e Informação Bibliográfica), nº 14, Rio de Janeiro, janeiro de 1944, pág. 27.

ORIGINALIDADE em minha figura - nenhuma. Daqueles dois aspectos singulares que o Eça encontrou na personalidade de Ramalho Ortigão - não ser bacharel e ter saúde - falta-me, desgraçadamente, o primeiro, e só mediocrementemente encontro em mim o segundo. E assim tudo o mais: de uma desoladora vulgaridade. Maior de 30 anos; solteiro, com vaga vocação para o celibato. Como vivo sempre muito ocupado, meu amigo Otávio Tarquínio de Sousa já profetizou que não me casarei por falta de tempo. As ocupações são na verdade excessivas: sou professor (isto desde os 15 anos!), traduzo, revejo, anoto, compilo e escrevo livros, e sou remendão permanente do *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Pego mais uns biscates de vez em quando.

Sou triste, gosto de banhos de mar e - sinto vergonha em confessá-lo - padeço de incurável romantismo. Leio irregularmente os jornais, mas a sorte do mundo me interessa muito. Abomino o fascismo, o nazismo e toda espécie de totalitarismo, claro ou mascarado.

Escrevendo, procuro harmonizar o gramático e o escritor que há em mim: que a rigidez de um não vá sufocar a espontaneidade do outro. Não me parece bem fundada a convicção de tantos, de que o conhecimento menos cerimonioso da língua seja um obstáculo ao homem de letras. Talvez a verdade esteja do lado oposto - desde que haja uma aplicação sensata desse conhecimento. Lembre-se o caso de Machado de Assis ou de Graciliano Ramos. Não quero, porém, ser advogado em causa própria. Notei, ao publicar 'Dois Mundos', que geralmente os críticos ignorantes da minha

condição de professor de português não encontraram no volume pruridos gramaticais; alguns até me acharam bastante simples. Mas entre os que me sabiam estudioso da língua, a coisa foi bem diversa: um destes negou-me pão e água: "*composições de colegial aplicado*" – assim chamou aos meus pobres contos; e a cada instante, com um nojo olímpico: "*o gramático Buarque*", "*o gramático Buarque*". Como não me conhece, possivelmente há de me ter imaginado um velho rabugento com a famosa caixa de rapé e lenço de alcobaça. O diabo.

Todavia, outros se mostraram surpresos do ar pouco engomado de um homem de formação gramatical, descobriram-me ausência de mau-gosto, e por um tris não me apontaram audaciosos solecismos, para desagravo dos créditos literários tão impiedosamente abalados.

Mais algumas palavras acerca do meu único livro. A crítica não é tão pouco imaginosa quanto se pensa. Basta dizer que nos *Dois Mundos* ela viu ora um romancista, ora um folclorista (sim, "*por todas as fibras*"), ora um quase penalista. Um dos trabalhos do livro "*Vozes de Chegança*" (a que, aliás, não chamei de conto), foi transcrito em Portugal - talvez antes de sair em volume - e de lá recebi, com o recorte, carta de uma sociedade de Etnografia felicitando-me pela "*contribuição para o estudo da etnografia luso-brasileira*". E quem sabe, por este vasto Brasil, alguma imaginação mais solta não haverá encontrado no pobre do contista uma forte vocação de matemático, naturalista, economista ou químico?

Entretanto, disseram do volume coisas extremamente amáveis; e aquele mesmo crítico furibundo escreveu que “*o chapéu de meu pai*” era coisa “*para se ficar repetindo pela vida afora*”. O que me parece demais para um “*colegial aplicado*”.

Positivamente isso tudo não tem a menor sombra de importância. E que interesse haverá, para o leitor, em saber que o meu primeiro aluno me pagava cinco mil réis por mês, que, além de professor do Liceu Alagoano e vários outros estabelecimentos de ensino do meu Estado, fui secretário da Prefeitura, Diretor do Departamento Municipal de Estatística e Publicidade e da Biblioteca Pública Municipal - tudo em Maceió - e sou desde 1940 professor do Colégio Pedro II, tendo deixado há pouco o cargo de secretário da “*Revista do Brasil*”? Tenho mais... o político? Em 1925 fui candidato à Câmara de Vereadores de Maceió. Candidato derrotado.

Joel Silveira visto por Joel Silveira¹⁶



Joel Silveira (1944)

¹⁶ **Leitura** (Crítica e Informação Bibliográfica), nº 15, Rio de Janeiro, fevereiro de 1944, pág. 25.

UMA moça de São Paulo me garantiu que sem o bigode eu ficaria mais moço. Arranquei-o fora, num repente de entusiasmo, mas recoloco-o agora; afinal de contas, por que mudar depois dos vinte e cinco anos? Vinte e cinco anos sólidos, particularmente os últimos sete anos, que é a etapa que interessa a esta revista de letras: sete anos de tarimba diária nos negócios, convivendo com sua fauna, transigindo, caluniando e sendo caluniado, desmascarando e aturando máscaras. Acrescente-se a isto - que envelhece e amargura - um começo de barriga que o chope trouxe. E mais um desencanto total a respeito de si mesmo, falta absoluta de entusiasmo por tudo, menos para ler os telegramas - eis-me num feliz instantâneo, despido de qualquer verniz à maneira do fotógrafo Manzon. Não esquecer ainda uma indolência atávica, glandular, que se traduz perfeitamente na incapacidade de fazer qualquer coisa que não seja para efeito imediato. Pôde-se também falar de algum interesse pela música, interesse de ouvir e não de entendido. E mais alguns detalhes: inibição total num grupo de mais de cinco pessoas, e é necessário dizer que as pessoas brilhantes me encabulam e me abatem. Vaidade sem limites, disfarçada numa falsa autossuficiência. Completa timidez, mas que pôde, conforme as circunstâncias, assumir o aspecto do mais solto desembaraço - particularmente com as mulheres e, mais especialmente, com as morenas magras. Gosto de beber, não sei dançar, mas gosto de dançar, gosto de ler jornais, ouvir discos, ir ao cinema, não responder cartas, não telefonar. Me encanto facilmente com as mulheres que vou conhecendo; apesar de casado e com um filho de quatro anos,

tenho, com seriedade e paixão, prometido casamento a várias delas.

Sob o ponto de vista literário, analisando bem os fatos, não passo de um mascarado: li poucos livros importantes e não acredito que, até hoje, tenha escrito alguma coisa que venha a valer o respeito de uma quinzena. Sou apenas um homem de jornal para quem tudo é reportagem. Tenho publicados dois livros de histórias, mas, a acreditar num amigo entendido e leal, todos eles estão repletos das mais penosas arbitrariedades gramaticais. A afirmação seguinte me definirá como um espírito torpemente negociista, mas não posso negar que, nestes últimos quatro anos, haja produzido qualquer coisa que não fosse para colocação certa no mercado do dia seguinte.

Não possuo o que se chama um gabinete de trabalho, objeto tão necessário a quem se dedica às pesquisas ou à feitura de uma obra sólida e séria. Tenho duas estantes em casa, onde meto, sem ordem, os últimos “best sellers” que as editoras me mandam de graça em troca de notinhas e opiniões. Não tenho hora certa para escrever, nem tal proeza depende de qualquer força interior ou da presença de um ambiente especial. Apenas não consigo datilografar - as minhas necessidades literárias não passam de exercícios de datilografia - quando estou com prisão de ventre, o que acontece fatalmente às quartas e aos sábados. Não tenho planos literários, mas isto não quer dizer que, amanhã ou depois, obediente à falta de escrúpulos de todo negociista, não passe a limpo outras histórias publicadas em jornais e revistas e não as entregue, em forma de volume, a qualquer editor

corajoso. Acredito que jamais escreverei um romance, obra forte demais para as poucas possibilidades de minha royal portátil. Também nunca serei sociólogo.

Quanto às minhas ideias políticas, não as tenho passado a limpo nestes últimos anos, como é da moda. Há dez anos precisamente que acho o fascismo uma coisa vergonhosa e porca, e venho dizendo isto nos jornais. Tais pontos de vista continuam intactos, o que talvez inspire a qualquer cristão novo a me acusar, de futuro, de espírito bitolado e conservador.

No mais, não gosto de elogiar, mas gosto de receber elogios, é humano. Tenho algumas admirações literárias, nacionais e internacionais, mas são amores muito instáveis. Dois ou três nomes, porém, da atual inteligência brasileira, parece que estão definitivamente estratificados no meu afeto. Não os cito porque, homem tímido, nunca mais eu teria coragem de olhar para a cara deles. Não frequento a casa de ninguém e não gosto que frequentem a minha. Nunca pintei nem desenhei, e a pintura me deixa inteiramente à vontade, pois não a entendo nem gosto dela. Creio que os pintores são a gente mais confusa e difícil do mundo, e corro deles. Prefiro admirar as pessoas simples, sem problemas cinzentos, pessoas superficiais, gente sincera. Quanto à atmosfera, gosto do sol e a chuva me desmantela os nervos. Gosto de gravatas e de praia. Não recebo nem passo trote pelo telefone. Um mascarado, como se vê.

Peregrino Júnior visto por Peregrino Júnior¹⁷



Peregrino Júnior (1944)

¹⁷ **Leitura** (Crítica e Informação Bibliográfica), nº 17, Rio de Janeiro, abril de 1944, pág. 37.

Há cerca de dez anos, abandonada a literatura, eu, hoje, sou apenas médico. Não escrevo mais. Faço diagnósticos. Vez por outra me encontro nos caminhos literários, mas sem esquecer a medicina. Você viu o meu livro sobre Machado de Assis? Não é propriamente um ensaio: é uma observação clínica. Portanto, em vez de um autorretrato, deixe que eu faça simplesmente um autodiagnóstico. Quero colocar em mim mesmo um protocolo biotipológico. A exemplo do que tenho feito com tanta gente ilustre. Assim, poderão sorrir contentes, e vingados, Augusto Frederico Schmidt, Carlos Drummond, Portinari, Tarsila, vítimas dos meus estudos caracterológicos. E isto me livrará afinal de uma séria dificuldade: a de escrever sobre uma coisa inexistente — a minha biografia. Porque eu não poderia, em rigor, escrever uma autobiografia por um motivo muito simples: porque sou um homem sem biografia.

Origem honrada, mas pobre. Vida honesta, mas tormentosa. Dificuldades, de aventuras, de sofrimento e de lutas. Sem parentes ricos, sem padrinhos poderosos, sem posições importantes. Abri o meu caminho com a planta do pé. Construí a minha vida com as minhas próprias mãos. Que fazer de tão pobre material uma biografia? O material biotipológico, este, sim, me parece interessante. Vejamos, pois, o meu protocolo clínico.

Antecedentes hereditários - Descendo de duas das mais ilustres famílias da minha terra: Peregrino da Rocha Fagundes e Seabra de Mello. Do lado de meu Pai, gente grave, tímida e reservada - professores, senhores de engenho, matemáticos, burocratas. Homens de caráter firme,

intransigentes, duros, concentrados, sabendo amar com obstinação e odiar sem perdão. Do lado de minha Mãe, gente arrebatada, lírica, violenta - militares, espadachins, políticos. Homens de imaginação ardente e desordenados, orgulhosos, pródigos, inconstantes - sabendo lutar com bravura e sofrer com dignidade. Na contradição dessas tendências antagônicas, nasci e me criei. Daí certamente as contradições do meu temperamento, cujas raízes profundas se nutriram nas complexas camadas geológicas de um subsolo generoso e obscuro. E é preciso não esquecer a observação de Kretschmer: em biotipologia o *spiritus familiaris* tem importância fundamental.

Antecedentes pessoais - Nasci pobre e triste. Extremamente franzino, era débil e comprido como um junco ondulando ao vento. Leptossômico típico. E nitidamente esquizotímico: amando a solidão e o silêncio, sem companheiros, sem amigos, sem as alegres travessuras dos meninos da minha idade: nem banhos no Baldo, nem brigas com canguleiros, nem peraltagens no Passo da Pátria... Lírico e melancólico, vivia perdido no meio dos cajueiros do sítio do meu avô, ou à sombra das mangueiras do engenho dos meus tios, olhando de longe a maré montante dos canaviais. Fora disso, os grossos paredões sombrios do Colégio de Santo Antônio eram as fronteiras tristes do meu mundo... Lá longe, além da Fortaleza dos Reis Magos, o velho mar que eu via da janela da nossa casa, mais alto e mais belo que a cidade, e dominando-a completamente, era um convite à aventura das

longas viagens, das terras distantes, das gentes desconhecidas...

Aos 12 anos, sob os estímulos do meu tio Armando Seabra, de Ponciano Barbosa, de S. Fernandes, lia e escrevia furiosamente. E para desabafar, fundava jornais: '*O Independente*', '*A Gazeta de Notícias*', '*O Espectador*'. Com 14 anos, tocado pela rebeldia turbulenta do meu temperamento, aconteceu-me a aventura da Amazônia. Abandonei a minha província, para ir ganhar a vida no Pará. Libertação do espírito pela luta, pelo gosto da aventura, pela curiosidade do coração. Vida obscura e extenuante de jornal: na '*Folha*', na '*Tarde*', na "*Rua*", na '*Semana*', na '*Guajarina*'. Trabalhando de noite para estudar de dia. E sempre escrevendo sem pausa. Escrevia novelas, contos e cartas de amor, que vendia a um negociante português de louças e ferragens, o Edubar, o qual as publicava com o seu nome...

Conheci nessa época alguns espíritos contagiosos: Tito Franco, Lucídio Freitas, Raymundo Moraes. Entre homens de coração seco, encontrei amigos de generoso coração: o velho Eládio Lima, ilustre, reto e bom; Angione Costa, companheiro de todas as horas; Severino Silva, Osvaldo Orico, Martins Napoleão, Emílio de Macedo, Andrade Queiroz. Poucos amigos, mas definitivos. Afetividade concentrada, mas profunda.

Entrego-me inteiro à literatura. Tudo quanto ganho é para livros: clássicos portugueses, primeiras edições de Camilo, Machado de Assis. Os poetas da minha intimidade são: Verlaine, Baudelaire, Eugênio de Castro, Antônio Nobre e

Manuel Bandeira. Eu era “*um animal literário*” para quem, fora da literatura, não existia nada. Das minhas viagens, trazia notas, documentos, croquis. Porque aquele mundo de assombrações e espantos me interessava como material literário.

De repente, feito o primeiro ano do Curso Médico, largo tudo - emprego, amigos, estudos - e venho para o Rio. E recomeça a luta: luta sem hiatos e sem hesitações, obscura, melancólica e árdua. “*Rapaz de jornal*”, no velho regime dos “*vales*”, trabalhando noite e dia sem pausa, nem sequer era possível pensar em continuar a estudar. Poucos amigos. Raras alegrias. Vida de solidão e de trabalho. Nas minhas horas de repouso - horas solitárias sem dinheiro e sem prazer - eu visitava livrarias, frequentava rodas literárias, conhecia as celebridades da época. Fiz então as minhas primeiras relações literárias: Ronald de Carvalho, Álvaro Moreira, Onestaldo Penaforte, Olegário Mariano, Ribeiro Couto. Mas continuo distante dos grupos, dos partidos, das confrarias literárias. Não sou ovelha de nenhum rebanho. Não aceito tutela de nenhum cacique. Permaneço só e livre.

Em 1924, retomo o meu Curso Médico. E acompanho com entusiasmo o “*movimento modernista*”. Depois de alguns “*divertimentos*” frívolos e inconsequentes, publico em 1929 o meu livro de paisagens e tipos da Amazônia — “*Pussanga*”, a que a Academia Brasileira concede o prêmio de contos e novelas. Graça Aranha manda-me uma carta entusiástica, que prefacia a terceira edição do livro. Esse livro, aliás, quando eu cheguei ao Rio em 1920, já o trazia comigo: trazia-o no coração

e no pensamento. Mas trazia-o também em notas, esquemas, indicações, material humano e folclórico, documentos que recolhera nos meus roteiros amazônicos.

A seguir publico “*Matupá*”: extravasava assim do meu espírito e do meu coração a experiência amazônica. Eu podia repetir com Raul Bopp: a maior volta do mundo que eu dei na vida foi na Amazônia.

Acontecem-me então duas coisas importantes: engordo e viro médico.

História atual — Data daí o meu divórcio da literatura. Modifica-se o meu biótipo: o leptossômico caminha morfológicamente no sentido braquitípico... Demito-me da magreza.

Lia Correia Dutra por Lia Correia Dutra¹⁸



Lia Correia Dutra

VOCÊ bem sabe, amigo redator - Você, melhor do que ninguém - o que é minha luta, quando escrevo alguma coisa, para frear esta minha incorrigível prolixidade. Assim, o artigo *“que não deve passar de quatro páginas”* tem sempre cinco pelo

¹⁸ **Leitura** (Crítica e Informação Bibliográfica), nº 19, Rio de Janeiro, junho de 1944, págs. 33-34.

menos, e essas cinco são a redução trabalhosa das sete ou oito primitivas, conseguida à custa de muito corte, de períodos inteiros riscados - com sua dor de coração! E Você depois, é quem se vê atrapalhado, procurando espaço para acomodar minhas intermináveis conversas fiadas.

Agora, entretanto, pela primeira vez, meu problema é outro, inteiramente oposto: não veio como terminar a página combatia! Quase nada tenho para dizer, e, por mais que me esforce por esticar o assunto, verifico que como a um elástico repuxado só conseguirei torna-lo mais fraco, mais delgado, mais tênue, mais insignificante. De duas maneiras posso realizara a tarefa, já que, num momento de distração aceitei a incumbência de apresentar esta autobiografia: ou conto a verdade, e, nesse caso, não conto nada, pois nada tenho para contar, fazendo bocejar de tédio os leitores da revista, ou invento, uma história bonita, cheia de peripécias, tento uma pequena biografia romanceada - gênero que andou tão em moda antes da guerra e felizmente passou - satisfazendo certo número de leitores que não me conhece, mas caio em completo descrédito perante os outros, - os que me conhecem e ficarão abismados com o poder de minha imaginação...

Não, amigo redator: ao sucesso imerecido prefiro a estima dos amigos. Vou dizer a verdade, só a verdade, nada mais que a verdade. No entanto, conseguirá ser aceita como um depoimento honesto uma autobiografia que começa por esconder a data de nascimento do biografado?

Quando Você me convidou para esta página, suas intenções não eram más. Você é meu amigo, que eu sei: não

havia de esperar que a autobiografia de uma mulher fosse revelar sua idade ao público. Esperou? De certo que não. Conheço-o bem. Você é um sujeito de bom coração e sem ingenuidades descabidas.

Assim, nasci no dia 30 de dezembro de um ano qualquer deste século (isso até me fica bem dizer). Não fui menina prodígio, nunca tive jeito para matemática nem para qualquer ciência positiva, tinha mania de fazer epitáfios das pessoas conhecidas, em quadrinhas de sete sílabas (alguns versos tinham seis ou oito, mas eu remediava esses senões na recitação, intercalando hiatos ou ditongos, conforme o caso), estive em três colégios, andei muito de bicicleta. Levei uma vantagem sobre as crianças burguesas de hoje: nunca morei em apartamento, fui criada em casas com jardim, quintal, galinheiro onde eu mesma ia procurar ovos para gemadas. Árvores em cujos galhos subia e de que arrancava as frutas ainda verdes, pois minha impaciência gulosa não lhes dava tempo para amadurecer; espaço para corridas e estripulias; sombras gostosas para a gente se espichar no capim, estudar as lições, ler histórias, sonhar à toa, espiando o céu pelo intervalo das folhas.

Em compensação, as crianças de hoje têm uma vantagem grande sobre as de meu tempo: leem Monteiro Lobato, e esta é uma coisa que sempre lhes invejarei retrospectivamente. Eu, por exemplo, tinha só a 'Bibliothèque Poya'. Minha companheira imaginaria de brinquedos era a Sofia dos '*Desastres*', quando bem poderia ter sido a Menina do Narizinho Arrebitado.

Não fui garota prodígio, repito, embora algumas pessoas da família (principalmente minha avó e minha madrinha) julgassem que sim, por causa de uns contos que eu vivia escrevendo, muito tristes, cheios de crianças órfãs, de pais sem emprego, de mães tuberculosas, de gente má espancando meninos nos asilos, de velhos morrendo de fome nas esquinas.

Aos treze anos revelou-se minha verdadeira vocação, a que haveria de me acompanhar pela vida afora: o Ensino. Chamava para o porão habitável lá de casa toda a criançada pobre do Morro da Olaria (uma favela em miniatura que ficava na Rua Visconde Silva, em Botafogo), e passava minhas tardes, de volta do Sion, ensinando a ler.

Quando sai do último colégio, achei que era tempo de começar minha educação. Tabei de esquecer a maior parte das inutilidades que tinha aprendido, e li muito, estudei o que me faltava.

Nessa época eu era meio 'grã-fina' (que vergonha dessa época!) dançava no Fluminense e no Tênis Club de Petrópolis. Montava a cavalo todas as tardes, em Botafogo, Copacabana ou Flamengo, queria aprender a dirigir automóvel, fazia péssimos versos. Estava já fadada a ser um '*ornamento social*'.

Veio a revolução de trinta: minha vida deu uma enorme cambalhota, para depois se aprumar bem firme no seu lugar verdadeiro. Meu pai exercia, por concurso um cargo '*vitalício e inamovível*' há 25 anos: perdeu-o em poucos dias. As

coisas mudaram totalmente para nós. Venderam-se os cavalos, o automóvel, a mobília.

Foi então que me apareceu um grande amigo, hoje morto: Fernando Magalhães. Na realidade, já era velho amigo: conhecia-me desde pequenina, quando eu ia à sua casa brincar com seus filhos, mas, nesse momento de crise em que os amigos eram raros, é que ele se revelou, com toda sua generosidade, com o calor de seu imenso coração. Devo-lhe meu primeiro emprego, a publicação de meu primeiro livro, o estímulo para continuar escrevendo: na realidade, devo-lhe ainda mais, devo-lhe o que sou hoje, tão diferente da mocinha grã-fina que dançava no Tênis Club. O trabalho deu-me outra consciência, outra compreensão do mundo, libertou-me de uma porção de preconceitos que me tolhiam, esclareceu-me e alargou-me a visão, fez-me conviver com gente mais digna do que a gente que eu estava destinada a conhecer nas festinhas elegantes. Vi de perto a vida dos pequenos funcionários mal pagos, chefes de famílias numerosas, lutando para aparentar certa decência, para manter um determinado nível social, a vida dos intelectuais pobres das moças que se sustentam com seu trabalho e ainda ajudam em casa, das mulheres casadas que saem correndo das repartições para cuidar dos filhos pequenos e dividem com os maridos a despesa do mês; vi de perto a vida de pessoas modestas, sem importância, sem nome nas colunas mundanas dos jornais, mas capazes de silenciosos heroísmos cotidianos, merecedoras do pão que comem, porque o ganharam.

Fui nomeada professora interina de Curso Secundário numa Escola Profissional. Ensinei Português e Francês, e nunca executei qualquer outro trabalho com tanto amor e satisfação. Infelizmente, a interinidade acabou, e fiquei servindo como Revisora de Debates na Câmara Municipal, cargo bastante trabalhoso, movimentado e divertido, mas que não tinha para mim a sedução do magistério. Dai passei novamente para a Secretaria de Educação. A escola é meu verdadeiro ambiente; nela me sinto bem serena, completada. Estou no meu elemento, como um peixe dentro d'água. Tenho tentado, por várias vezes permutar meu verdadeiro cargo, que é administrativo, por um lugar efetivo no quadro do Ensino Secundário. Entretanto, como nas funções que ocupo, ganho mais, a lei me protege contra minha vontade, impedindo que a permuta se faça. Parece que é ilegal um funcionário desistir de vantagens monetárias para trabalhar de acordo com suas possibilidades e sua vocação.

Quero aos alunos e procuro ser para eles mãe e amiga. Seus problemas são os meus: compartilho de seus dramas humildes de filhos de operários, costureiras, lavadeiras, motoristas, praças e inferiores das Forças Armadas, pequenos lavradores de Sta. Cruz e Campo Grande. Há muito que fazer no Setor da Educação - e pouco se tem feito. Estimo que a criança deveria ser a primeira preocupação do Estado, principalmente, a criança dos meios proletários, subnutrida, raquítica, de dentes estragados, sem defesa, sem reservas, em geral só favorecida pelo ensino primário - quando o é - e posta a trabalhar mal atinge quatorze anos. Tenho visto nas escolas

profissionais por onde passei, vários meninos bem dotados, alunos inteligentes, serem retirados pelos pais assim que chegam à idade mínima e empregados como ‘boys’ estafetas, aprendizes, lapidadores de diamantes, trocadores de ônibus. Desgraçadamente, esse é um problema que não posso resolver - mas que espero seja resolvido um dia.

Julgo nada mais ter para dizer, senão que odeio a violência, a hipocrisia, a exploração do homem pelo homem, os preconceitos de raça, o fascismo, o nazismo, o integralismo e que creio na liberdade de pensamento, no advento da justiça social, e num mundo diferente para depois da guerra.

Mas você ainda quer saber de outras particularidades, amigo redator? Que sujeito curioso!...

Minha história sentimental? Ora, isso não interessa a ninguém. Afinal de contas, é compreensível que uma biografia que começou com um segredo, termine com outro segredo...

E está vendo só? Nada tinha para dizer, não disse nada, mas minha proximidade habitual acabou vencendo, encarregando-se de esticar o assunto, como um elástico repuxado a ponto de estalar...

Joracy Camargo visto por Joracy Camargo¹⁹



Joracy Camargo

¹⁹ **Leitura** (Crítica e Informação Bibliográfica), nº 20, Rio de Janeiro, julho de 1944, págs. 39-40.

MEU retrato foi pintado com as mais velhas tintas espalhadas na imensa paleta do Brasil... Branca, bronze e, provavelmente, a preta. Gaspar de Camargo, vindo com Tomé de Souza, em 1549. Jusepe de Camargo, que apareceu no final do século XVI, na Capitania de São Vicente. Esse viera de Burgos. Fernando Camargo, o *'Tigre'*, primogênito do galego Jusepe de Camargo, casou-se em 1627, com Mariana do Prado, filha de Dona Felipa do Prado e do castelhano João de Santa Maria, que foi secretário de D. Francisco de Souza, governador das Capitanias do Sul. Apareceu pela primeira vez na vida política paulistana em 1635, como vereador. Almotacel, em 1636, e Juiz Ordinário em 1640. Era ruim como cobra. Expulsou os jesuítas do Colégio de S. Paulo, e matou Pedro Taques de Almeida, com uma adaga.

Esse *'Tigre'* e seus descendentes andaram em Bandeiras, misturaram-se com os índios, casaram - ou índias, coisa que não scandalizava. Não consta que se tivessem casado com pretas, porque isso não se fazia nas igrejas. Sou, portanto, *'paulista de 400 anos'*, como qualquer outro. E *"carioca da gema"*, porque nasci no Largo da Fábrica, hoje Praça Saens Peña. Há quem diga que sou mulato. São os que pensam que tenho talento. E isso de ter talento, sendo mulato, não é vantagem...

Sou moreno, de cabelos crespos e beijos polpudos. Meu pai é louro, tenho irmãos louros e irmãos morenos. Tenho filhas louras e filhas morenas. Minha mãe descende dos suíços que fundaram Nova Friburgo. Mas isso não quer dizer que eu não seja mulato. Até gostaria de ser mulato se de fato tivesse

talento por causa disso. Quanto ao resto é assim: trabalho dia e noite, primeiro porque não tenho outro remédio, segundo porque gosto de comprar. Meu maior prazer é ver um sujeito me entregar de boa vontade, sorridentemente, alguma coisa que muitas vezes lhe rouba o sono, e que vem para as minhas mãos apenas porque lhe entrego alguns pedaços de papéis sujos.

Encaro a posse das coisas como um sacrifício, um motivo de preocupações tolas e uma razão para a gente ter pena de morrer. Não acredito na sinceridade dos que alegam o prazer ou a necessidade de deixar suas propriedades para os herdeiros. Só acredito nos que dividem as fortunas em vida, sujeitando-se ao risco da ingratidão dos herdeiros. É o que eu faria se tivesse fortuna. Não odeio nem mesmo implicâncias.

Combato os egoístas e, sobretudo os agitadores. Mas como sei que eles pensam que são muito bonzinhos, porque fazem caridade, acreditam em Deus e até comungam, não os odeio. Apenas os combato. Adoro a convivência. Quando sei que alguém não gosta de mim fico triste, porque é menos uma pessoa para conviver comigo. Tenho pena dos que se dizem “conservadores”, não só dos que sabem, por seus conhecimentos científicos e culturais, que isso não é possível, como dos que ingenuamente supõem que se pode manter indefinidamente um estado de coisas. Essa gente sofre porque quer.

Não tenho inveja de ninguém, porque conheço o preço de todas as vitórias. Quem vence pelo talento e alcança a glória, já nasceu com esse talento e tem direito a essa glória. Quem vence pelo próprio esforço, em geral alcança uma

vitória pouco invejável, que mal dá para a casa própria, automóvel e sítio com saúva e carrapatos, vitória que está ao meu alcance. Quem vence por meios ilícitos, precisa tomar Belergal para dormir sossegado. Quem vence conquistando bons cargos, bem remunerados e pouco trabalhosos, assume compromissos incômodos, que eu não gostaria de assumir.

Quem vence pela força sujeita-se a perigos que não me agradam. Houve em Roma muita gente que teve inveja de Mussolini, como em Berlim quem teve inveja de Hitler. Aqui mesmo muita gente teve inveja do general Peñaranda... Nem de banqueiros tenho inveja, porque isso me daria o trabalho de ter inveja de muita gente ao mesmo tempo.

Não tenho hábitos nem manias. Apenas fumo. Sei que me faz mal. Mas como não bebo e não jogo, conservo esse erro para não admitir outros. A bebida e o jogo também fazem mal à saúde. E como no jogo e na bebida o que menos se perde é a saúde, fico com o cigarro. Gosto de ler. Não gosto de escrever. Não gosto porque sou obrigado a escrever para viver.

Vivo do que escrevo. Se os que combatem o que escrevo me dessem um outro meio de vida, nunca mais escreveria uma linha. Faria discursos. Os discursos podem acarretar dissabores, mas não provocam o despeito. Fazer discursos é até ridículo. Tenho medo de morrer, mas é só porque ainda não fiz nada do que pretendo fazer.

Luiz Martins visto por Luiz Martins²⁰



Luiz Martins (1944)

²⁰ **Leitura** (Crítica e Informação Bibliográfica), nº 23, Rio de Janeiro, outubro de 1944, pág. 37.

ENTENDO que o que me pede “*Leitura*” não é propriamente uma autobiografia. Uma autobiografia é sempre cacete, sobretudo a dum indivíduo como eu, que nada tem para contar.

Minha vida é simples. Nasci no Rio de Janeiro, no dia 5 de Março de 1907. Vivi na capital da República até Novembro de 1937, quando me vi despojado de um bom cargo que exercia. Emigrei, então, para São Paulo, onde me encontro até hoje. Quer dizer que a minha história pode ser dividida em duas fases, a carioca e a paulista. A magra e a gorda. De fato, fui magro até aos trinta anos e comecei a engordar escandalosamente depois dessa época, tão decisiva em minha existência pacata. Peregrino Júnior diria que eu fui um leptossômico que se transformou em pícnico.

É difícil afirmar-se até que ponto essa transformação somática influiu em minha constituição psicológica. Sei que, de um modo geral, fiz, sobretudo ficção em minha fase carioca e passei, na paulista, a me dedicar, de preferência, ao ensaio, à crítica e à... polêmica.

Tenho vários livros publicados, entre os quais uma preferência inteiramente sentimental me aconselha a destacar o romance “*Lapa*” e os ensaios “*Arte e Polêmica*”, “*A evolução social da pintura*” e “*O patriarca e o bacharel*”. O primeiro desses livros, “*Lapa*”, tem uma história complicada, que culminou em sua apreensão e numa ordem de prisão contra o seu autor. Até hoje não sei exatamente por que.

Isto se deu naquele ano fatídico de 1937, em que tantas coisas sensacionais aconteceram. Passei, depois, por uma interessante aventura rural, que me pôs, homem do asfalto e dos telefones automáticos, diante dos problemas da terra, do seu mistério e da sua pujante beleza. Nasceu daí o romance *“Fazenda”*, que pretendia traçar um dos aspectos do drama da decadência do café. Em São Paulo recompus minha vida, ao menos provisoriamente, porque, segundo penso, o mundo voltará a ser grande e cheio de possibilidades, quando a paz se fizer...

Procuro me analisar guardando o máximo de isenção possível, mas sem esconder uma certa camaradagem benevolente, coisa, aliás, natural, visto que me conheço com intimidade há tanto tempo e há tanto tempo me tolero. Tenho certeza absoluta de que não sou um mau sujeito. No fundo, talvez até bom, se bem que admita em mim uma certa dose de narcisismo, que pode parecer desagradável aos outros. Tenho poucos amigos. E talvez nenhum desses poucos amigos me conheça profundamente. Em verdade, vivo me escondendo com obstinação sob várias máscaras. Sou estupidamente afetivo, e disfarço meu estoque de ternura disponível numa ironia sem graça, que me aborrece. Sou um melancólico, mas apenas vem um conhecido, sinto uma necessidade pueril de não aborrecer, de não desagradar, de me exibir com amabilidade sorridente e banal. Aparentemente sou um indivíduo cordial, alegre e egoísta. Mas só aparentemente...

Outra coisa que pareço e não sou: boêmio. Gosto de whiskies e não desadoro passar uma noite acordado, com

amigos de ambos os sexos, num cassino ou num bar. Mas poderia repetir, com Sérgio Milliet, que “no fundo, meu Deus, eu sou família!” E só eu mesmo conheço o meu grande tédio das madrugadas, quando regresso à casa depois de uma noite perdida.

Já gostei muito mais de mim do que gosto hoje. Atualmente me vejo com certo desespero de quem vai caminhando para os quarenta anos e pouco fez do que desejaria. Falhei em muita coisa. Além disso, engordei e, de um modo geral, não simpatizo com a gordura. (Aqui entra em ação o meu supracitado narcisismo...).

Em compensação, creio ter ganho alguma coisa em compreensão humana, em entendimento político. Tenho orgulho, aliás, em declarar que tôda a minha obra, qualquer que seja o seu valor, apresenta, sob o ponto de vista social, uma generosidade discreta, porém honesta e sólida. Fiz sempre muita questão em ser coerente comigo mesmo. E sou dos que acreditam na transformação da humanidade para melhor.

Sou tímido. Certa vez em que declarei isto num salão, todos riram, como se eu tivesse dito uma coisa engraçadíssima. Entretanto, sou tímido. Só eu mesmo sei quanto o sou. E só eu mesmo sei quanto a timidez me tem prejudicado na vida.

Não darei palpite nenhum sôbre o valor de meus livros. Uma sorte de orgulho (ou desdém?) me impede de discutir essas coisas com os outros. Sou, aliás, submisso à crítica e nunca estrilei com violência, mesmo quando atingido sem justiça e sem critério. Não faço parte de grupos, não

frequente rodas, não cultivo as chamadas “*panelinhas*”, julgo-me bastante independente. E, no fundo, não me parece indispensável a glória literária. Viver é muito mais importante. Devo confessar, entretanto, que o elogio me comove, principalmente partindo de pessoas que considero e estimo, ou então de admiradores anônimos, que muitas vezes nos prestigiam generosamente com um aplauso a que tudo se poderia negar, menos a espontaneidade.

Em resumo: não estou nada satisfeito comigo. Menos ainda com os outros homens, é verdade. Mas, com uma boa vontade exemplar, faço o sacrifício de me suportar e de suportar os outros...

São Paulo, 31 de Agosto de 1944.

GEASE

